KARIN DORMIEN MELLONE

TATIANA BELINKY:
A história de uma contadora de histórias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Área de Concentração Artes Cênicas, Linha de Pesquisa Teatro Brasileiro, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes, sob a orientação do Prof. Dr. Clóvis Garcia.

São Paulo
2008

KARIN DORMIEN MELLONE

TATIANA BELINKY:

A história de uma contadora de histórias

Aprovada em:_____

Banca examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

RESUMO

A pesquisa desta dissertação é sobre Tatiana Belinky e sua atividade pioneira no teatro e televisão para crianças e jovens.

Ela, seu marido Júlio Gouveia e o grupo Teatro Escola de São Paulo foram os iniciadores do Teatro para Crianças na cidade de São Paulo em 1948.

Foram também os pioneiros da televisão brasileira para crianças e jovens em 1951.

Tatiana Belinky adaptou para a televisão, que era teatro ao vivo, sem vídeo tape, o teleteatro *O Sítio do Picapau Amarelo,* de Monteiro Lobato, nos anos cinqüenta e sessenta, num total de 360 episódios.

Monteiro Lobato, o iniciador da literatura brasileira para crianças e jovens e criador da Emília, conheceu o casal e tiveram longas conversas.

O primeiro *Sítio do Picapau Amarelo* da TV brasileira traz a influência das idéias renovadoras de Dewey na educação, através de Anísio Teixeira, que conheceu Monteiro Lobato em Nova Iorque em 1928, quando estudava no Teacher's College da Columbia University.

E o primeiro *Sítio* da TV mostra os personagens em uma varanda através de uma pequena tela de TV. O clima é de igualdade e liberdade, atores e espectadores compartilhando brincadeiras, fantasia e a aventura da busca do conhecimento. É a precursora da TV de qualidade.

Dramaturga, escritora, jornalista, tradutora e adaptadora, Tatiana Belinky sempre defendeu a produção de qualidade influenciando todo o teatro, a televisão e a literatura para crianças e jovens. Vamos contar um pouco da sua história...

ABSTRACT

The research of this thesis is about Tatiana Belinky and her pioneer activity in theater and television for children and youngsters.

She, her husband Júlio Gouveia and the group Theater School of São Paulo, were the beginners of Children Theater in the city of São Paulo in 1948.

They were also the pioneers of brasilian television for children and youth in 1951.

Tatiana Belinky adapted for television, that was live, without videotape, the teletheatre *The Yellow Woodpecker Farm*, by Monteiro Lobato, in the fifties and sixties, in a total of 360 episodes.

Monteiro Lobato, the beginner of children and youngsters brasilian literature and creator of Emília, met the couple and they had long talks.

The first *The Yellow Woodpecker Farm* of brasilian television brings the influence of Dewey's renewing ideas in education, through Anísio Teixeira, who met Monteiro Lobato in New York in 1928, while studying at the Teacher's College in Columbia University.

And the first *Farm* of TV brings a porch with the characters through a small TV screen. The atmosphere is one of equality and freedom, actors and audience sharing play, fantasy and the adventure of knowledge search. It is the forerunner of quality TV.

Playwright, writer, journalist, translater and adapter, Tatiana Belinky always defended quality production having influenced all children and youngsters theatre, television and literature. Let's tell you a bit of her story…

DEDICATÓRIA

A Tatiana Belinky
com muito carinho

A Clóvis Garcia
pioneiro do teatro

A Ingrid Dormien Koudela
belo exemplo de vida

A Adriana, Marcelo, Mirela e Roberta
a meus filhos e a seus parceiros

A Sebastian
com amor da vovó

SUMÁRIO

Introdução _____ VII

Capítulo I. Breve Biografia _____ 17

Capítulo II. Peter Pan_____ 26

Capítulo III. Monteiro Lobato e Anísio Teixeira_____ 36

Capítulo IV. A Utopia de Lobato_____ 47

Capítulo V. A TV Pioneira_____ 51

Capítulo VI. O Sítio do Picapau Amarelo_____ 61

Capítulo VII. Jornalismo_____ 83

Capítulo VIII. Teatro da Juventude_____ 89

Capítulo IX. Pedagogia do Teatro_____ 92

Capítulo X. Literatura para crianças e jovens_____ 95

Conclusão _____ 101

Ìndice Iconográfico_____ 105

Bibliografia _____ 107

INTRODUÇÃO

Era uma vez...

A história de *Peter Pan* estreando o teatro para crianças no Teatro Municipal de São Paulo. Tatiana Belinky e Júlio Gouveia montaram em 1948 a adaptação que ele fez do livro de James Matthew Barrie. Participaram da peça muitos amigos, entre eles Clóvis Garcia e Alberto Guzik.

E era uma vez a história de *Os Três Ursos,* de Tatiana Belinky, estreando a televisão para crianças em São Paulo no natal de 1951, três anos depois.

Em 1952, logo no ano seguinte, são convidados por Ruggero Jaccobbi a apresentar um ou dois espetáculos para crianças na TV Paulista, que ainda estava em fase experimental. Júlio Gouveia adapta as duas primeiras estórias de *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato: *A Pílula Falante* e *O Casamento da Emília.*

Depois eles vão para a TV Tupi e por mais de uma década apresentam muitas fábulas, adaptações de livros da melhor literatura universal e todo o Monteiro Lobato nos programas *Fábulas Animadas, Era uma Vez* e o *Sítio do Picapau Amarelo*.

Nossa geração cresceu ouvindo e vendo as estórias maravilhosas que eram transmitidas pela recém-nascida televisão, que era na verdade um teatro ao vivo veiculado pelas câmeras, pois ainda não havia vídeo tape.

Tatiana Belinky era quem escrevia, adaptava ou traduzia as estórias que ela, Júlio Gouveia, seu marido, e o grupo do Teatro Escola de São Paulo apresentaram primeiro em teatros e depois na televisão para crianças e jovens de todas as idades. Foram os grandes divulgadores do primeiro programa *Sítio do Picapau Amarelo* pela televisão nos anos cinqüenta e sessenta e ele tinha um encanto muito especial.

Bem no começo, os programas eram curtos, e a TV só funcionava em certos horários. A idéia era a de estimular a leitura, e a vontade de viver no mundo encantado que apresentavam era prolongada pela descoberta dos livros.

Era uma vez...

“Morar” nos livros era um prazer de horas a fio. Entrar na arte literária, em mundos criados pelo gênio humano como argila moldada, dando forma a novos horizontes.

Tatiana Belinky ainda criança “morava” nos livros de Monteiro Lobato e se encantou com a Emília, que era uma “bruxa” de pano e falava tudo o que queria, sem papas na língua. Para a criança Tatiana era fascinante, pois ela nasceu na Rússia e veio para cá com dez anos de idade, já com um repertório grande de livros lidos e estórias ouvidas, mas sem saber quase nada sobre o país onde iria viver dali em diante. Ela se “encontrou” nos livros de Lobato, descobriu um Brasil onde tinha prazer de estar. Para compreender o universo de Tatiana Belinky temos de apresentar Monteiro Lobato.

Lobato nasce em 1882, contemporâneo de D. Pedro II, ainda no tempo da escravidão. Mora na fazenda, brinca com bonecos de xuxu e palitos, sabugos de milho e saboreia jaboticabas. É reprovado em uma prova de português! Estuda Direito no Largo de São Francisco em São Paulo, e tem um ótimo grupo de amigos no Minarete, a república onde moram. Escreve artigos em jornais e afia a pena da caricatura escrita. Cria a polêmica do saci contra os anõezinhos importados da Praça da Luz. Formado, vai trabalhar em uma cidade morta, Areias, onde o tempo custa a descer pela ampulheta, e lê e escreve muito. Casa-se com Dona Purezinha e eles têm quatro filhos. Herda a fazenda de café do avô e passa um tempo tratando de renovar a fazenda e de ficar muito bravo com o Jeca Tatú, caricatura inesquecível, que coloca fogo no mato esturricando a natureza. Mazzaropi filmou mais tarde o Jeca Tatu. Vende a fazenda e vai morar em São Paulo, onde compra a Revista do Brasil. Cria uma editora que muda várias vezes de lugar por falta de espaço, porque cresce muito, e acaba falindo porque comprou maquinário novo e vem uma crise de falta de luz e de água.

Lobato quando criança “morava” nos livros de Wells e Júlio Verne na vasta biblioteca de seu avô visconde. Mas não havia quase nada que uma criança pudesse ler em português do Brasil. Em uma carta de oito de setembro de mil novecentos e dezesseis ele diz ao seu amigo Rangel:

> “Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças... Um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que as nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por

> lebre, isto é, habilidade por talento, ando com idéia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos." [1]

Em 1920 é publicado o primeiro livro para crianças de Monteiro Lobato, *A Menina do Narizinho Arrebitado.* Em 1928 Lobato é adido comercial do governo Washington Luiz em Nova Iorque. Lá ele conhece Anísio Teixeira, grande educador brasileiro, que era aluno de Dewey, um dos criadores da educação progressiva no Teacher's College da Columbia University. Anísio Teixeira e Monteiro Lobato se tornam grandes amigos pela vida afora. Em 1931 é publicado o livro *Reinações de Narizinho,* como o conhecemos hoje. Narizinho com sua ainda muda boneca de pano Emília sonha à beira d'água com o príncipe Escamado, o rei do reino das Águas Claras. Ele a convida a conhecer seu reino e passam pelo portão de coral, bonito que até parece um sonho. E assim a história vai, contando como o doutor Caracol cura Emília de sua mudez com a pílula falante. As cenas do casamento da Emilia com o Rabicó, o leitãozinho guloso, fazem parte da fantasia de *Reinações de Narizinho*. É um livro onde todos nós "moramos" e que tem em si idéias de educação progressiva: não há um relacionamento autoritário entre adultos e crianças, reina a curiosidade, o grupo todo descobrindo novas estórias e aventuras, ciências e brincadeiras ou simplesmente descansando e manducando brasileiras jaboticabas. Não há limite para a imaginação, que o pó de pirlimpimpim, o pó das fadas de Peter Pan, não resolva. Dona Benta é o personagem adulto que lê muitas histórias grandes, e depois as adapta e traduz para a compreensão das crianças. Os serões são momentos por que todos esperam durante o dia inteiro enquanto brincam e combinam novas aventuras e quando chega a noitinha Tia Nastácia estoura pipocas e todos sentam na varanda e ouvem as histórias.

[1] Monteiro Lobato, *A Barca de Gleyre II,* obras completas, São Paulo, Brasiliense, 1955, pg. 104.

Capa de Voltolino

É muito interessante para nosso estudo acompanhar o nascimento da televisão nos Estados Unidos e como Monteiro Lobato a descreve em carta de 17.8.1928:

> "O *rush* deste país rumo ao futuro é um fenômeno, Rangel? Quando escrevi *O Choque*, pus entre as maravilhas do futuro a televisão. Pois já é realidade. O *Times* de hoje anuncia que a estação WCFW vai inaugurar comercialmente a irradiação de imagens. O sonho que localizei em séculos futuros encontro realizado aqui.
>
> A primeira vítima da televisão vai ser a velha e boa Saudade, que no fundo é filha da Lentidão e da Falta de Transportes... Mas o rádio e a televisão destroem o longe. Em breve futuro a palavra "longe" se tornará arcaísmo." [2]

E vinte e quatro anos depois o *Sítio do Picapau Amarelo* vai para a televisão brasileira ao vivo, como teatro, trazendo os valores que deram forma ao livro original. Vamos aprofundar esse estudo mais adiante.

O objetivo desta pesquisa é registrar na história da cultura brasileira, especialmente no teatro e na televisão, a contribuição de Tatiana Belinky. O objeto da pesquisa é genèricamente a produção de Tatiana Belinky e especìficamente a sua "invenção" do seriado infantil na televisão. Queremos mostrar como a sua trajetória foi dirigida à divulgação do livro e da leitura entre crianças e jovens. O bom teatro que faziam na televisão tinha por meta levar as pessoas que assistiam a seguir o modelo de Júlio Gouveia tirando um livro da estante e começando a ler. Quando vemos que o início da literatura para crianças no Brasil começa nos anos vinte com Monteiro Lobato, com a televisão educativa dos anos cinqüenta feita por Júlio Gouveia e Tatiana Belinky ocorre uma nova divulgação da leitura de Lobato, de muitos outros autores e do fabulário universal. Dada a importância da leitura para a construção da cultura e do desenvolvimento de um país, é elementar o valor de que se reveste seu trabalho.

A releitura das obras completas de Monteiro Lobato, de suas cartas, e de escritos sobre ele levou a uma pista importante. O fato de Lobato ter conhecido Anísio Teixeira nos Estados Unidos nessa época nos faz compreender a influência de Dewey e da escola progressiva sobre o próprio texto dos livros do *Sítio do Picapau Amarelo.* As adaptações de Tatiana Belinky dos programas da televisão

[2] Idem, pg.309, vol.II.

trazem este mesmo espírito não autoritário e de busca do conhecimento que caracterizam a literatura de Lobato.

Emília, Narizinho e Pedrinho lendo os contos de carrochinha na TV

E agora Tatiana conta um “causo” da “televisão a lenha”, como ela diz, da televisão sem vídeo tape, para que tenhamos presente na linguagem dela o espírito da época:

> “Para os nossos espetáculos de teleteatro infantil, muitas vezes acontecia termos de trazer ao estúdio, para transmissão ao vivo, toda sorte de bichos, bichinhos e bicharocos, de formiga até vaca, passando por cabra, cobra, tartaruga, rato, gato, galinha, cachorro, hamster e outros mais, inclusive papagaio e passarinho. Esses “atores” não eram profissionais, todos eles eram “amadores” e, por isso mesmo, imprevisíveis. O que causava a maior taquicardia em toda a equipe, por medo de que, no meio da transmissão direta, algum deles realizasse uma surpresa. Como esta:
>
> Foi num domingo. A telepeça programada no Teatro da Juventude era *Rapunzel*, aquela da longa trança dourada que servia de “tereza” (como os presidiários chamam a corda improvisada com pedaços de lençóis trançados) para o príncipe subir até a janela da torre onde ela vivia trancada pela bruxa. No meu roteiro, para acrescentar uma nota romântica ao espetáculo, eu incluí uma cena na qual a solitária Rapunzel conversava com um passarinho, seu único amigo, que lhe fazia companhia nos intervalos entre as visitas da bruxa. Rapunzel conversava com o passarinho, piu–piu, piu–piu–piu, e dava beijinhos no amiguinho alado; e havia uma música linda ao fundo e também canto de passarinho, tudo muito delicado e sentimental.
>
> Pois bem, o nosso valoroso *factótum* Canales, encarregado da produção e que era capaz de trazer para o estúdio literalmente qualquer coisa, animada ou inanimada, trouxe o tal passarinho, a tempo e a hora. Era um passarinho bem maior do que um canário, marronzinho, não sei de que raça ou espécie. O que sei é que ele tinha de representar um rouxinol e, como ninguém sabia como era a cara de um rouxinol, ficou valendo esse mesmo.
>
> No ensaio, com as câmeras desligadas, tudo funcionou a contento. O tal “rouxinol”, colocado sobre o dedo indicador da Rapunzel - vivida pela maravilhosa atriz Lúcia Lambertini, famosa pela criação inimitável da boneca Emília, de Monteiro Lobato -, se comportou bem. Ficou lá, pousado sobre o dedo da moça, mansinho e sossegado, de modo que todo mundo estava, relativamente, calmo: tudo indicava que não seria um programa dos mais difíceis, apesar de algumas trucagens meio complicadas.
>
> Finalmente, soou o sinal e o espetáculo começou. E foi transcorrendo, na medida do possível, tranqüilo. Isto é, até a cena em que, no vídeo do telespectador, em casa, aparece a Rapunzel na janela da sua prisão, conversando com o seu amigo rouxinol. Rapunzel, a Lúcia Lambertini, com sua loura trança de ráfia, fazia biquinho para o passarinho,

fazia piu-piu para ele, tudo tão comovente e engraçadinho. Mas, ai! Bem no momento em que Rapunzel vai dar um beijinho no seu rouxinol, o alado "ator", subitamente desperto da óbvia dopagem a que fora submetido, se arrepia, faz menção de fugir, não consegue e, em desespero de causa, tchan-tchan-tchan-tchan...! , dá a maior bicada no lábio inferior da Rapunzel, tirando sangue na hora e naturalmente causando uma boa dor!

Mas Rapunzel-Lúcia, profissional até debaixo d'água, não move sequer um músculo da face, não pisca, agüenta firme até o fim da cena, quando misericordiosamente a câmera sai, e ela pode pelo menos limpar o sangue que brotava do lábio ferido!...

E, como "o *show* deve continuar", o espetáculo continuou, sem um instante de interrupção, até o fim da história, sem que ninguém do público se desse conta daquele drama. E disso eu tenho certeza, porque o nosso público se comunicava, telefonava, escrevia, falava, fosse para elogiar, fosse para criticar, fosse, o que era mais raro, para perguntar "como foi que vocês conseguiram aquele efeito mirabolante?"

Hoje nada mais é "mirabolante". A técnica moderna - a computação gráfica, o enorme quadro de *switch* eletrônico – opera qualquer milagre "com um pé nas costas". E nem os atores precisam se preocupar, como no nosso tempo, com alguma falha de memória, algum "branco", daqueles de esquecer a fala, porque as cenas são gravadas em fita magnética, e qualquer uma pode ser imediatamente repetida e regravada quantas vezes for preciso, até ficar perfeita...

Tempos emocionantes aqueles. O fato é que, por sua "heróica" atuação naquele aperto, a Lúcia Lambertini ganhou o "Camarada do Mês". Um prêmio instituído pelo próprio TESP para o ator, atriz, ou qualquer outro membro da equipe que mais se destacasse como o melhor e mais cooperativo "camarada" daqueles trinta dias. Era um elefantinho de bronze, o "Tespinho"." [3]

[3] Tatiana Belinky. *Olhos de Ver*. São Paulo: Moderna, 2004.pg. 73: *Um Manso Rouxinol.*

Lúcia Lambertini como Emília

Os procedimentos metodológicos foram: levantamento bibliográfico, incluindo artigos, resenhas, críticas, reportagens e internet. Foi feita pesquisa de campo com entrevistas, depoimentos, registros históricos e fotografias. Além disso acompanhamos o curso de pós-graduação na Unicamp sobre o “Teatro e a Televisão nos anos 40 e 50 em São Paulo” ministrado pelo Prof. Dr. José Lessa Mattos Filho, David José, que foi um dos primeiros atores a representar o papel de Pedrinho na TV Tupi dos anos cinqüenta. E claro que conversamos muito com a gentil Tatiana Belinky.

Agora vejamos a seqüencia dos capítulos para termos uma idéia do todo. Vamos tratar principalmente da TV, mas vamos dar uma idéia de outras atividades da história de nossa contadora de histórias. O primeiro capítulo é uma breve biografia de Tatiana Belinky. Depois vamos escrever sobre Peter Pan e o teatro para crianças em São Paulo no segundo capítulo. Vamos fazer um estudo sobre Monteiro Lobato e Anísio Teixeira e a influência das idéias da educação progressiva nos escritos de Monteiro Lobato e nos livros do Sítio do Picapau Amarelo no terceiro capítulo. No quarto capítulo falamos sobre a utopia de Monteiro Lobato para o Brasil. No quinto abordaremos A TV Pioneira e os vários programas feitos nesse período. Vamos enfocar o *Sítio do Picapau Amarelo* na TV dos anos cinqüenta e sessenta no sexto capítulo e falar da atividade de Tatiana Belinky no jornalismo no sétimo. No oitavo vamos falar da revista *Teatro da Juventude*. O nono capítulo é sobre seu envolvimento com a pedagogia do teatro No décimo vamos escrever sobre sua rica atividade literária.

CAPÍTULO I. BREVE BIOGRAFIA

Escrever sobre Tatiana Belinky é como estar com ela na praia, onde passava o verão brincando com os irmãos debaixo das árvores de pinho de Riga. O cheiro da comida que vinha da cabana, da fumaça que saía da chaminé, o longo por do sol, a resina das árvores e o mar lá longe envolvem o leitor de *Transplante de Menina* e o levam a uma terra distante.

"E, como as crianças de todos os lugares e de todos os tempos, brincávamos de papai e mamãe, de médico e doente, de mocinho e bandido, de pirata e princesa raptada (que era sempre eu, sempre eu, que raiva!), de índio e caubói, de professora e aluno e de mil coisas mais." [4]

Ela conta da felicidade das crianças em meio a regatos de água límpida e musgo aveludado, do âmbar do Báltico que o mar atirava à praia entre conchas e caramujos e das brincadeiras inspiradas nas histórias que seu pai contava ou que ela lia em seus livros.

No livro *Transplante de Menina* ela diz que nasceu em São Petersburgo em 18 de março de 1919, dois anos depois da Revolução Russa e um ano depois do término da Primeira Guerra Mundial e escreve sobre sua infância em São Petersburgo até os dois anos e em Riga até os dez.

Fala da carinhosa família judaica, da avó, mãe da mãe, suave, meiga e um tanto tímida e do avô:

> "Já vovô era um homem imponente, alto, de barba majestosa, olhar arguto, jeitão autoritário de patriarca: todos o respeitavam muito, tinham até um pouco de medo dele. Menos nós dois, eu e meu irmão, filhos do caçula de vovô: papai era seu décimo quinto filho, e "O Velho" "se derretia" conosco. Ele tinha uma bengala grossa, de castão de prata, representando uma cabeça de leão, e usava essa bengala como barra fixa, segura entre suas mãos fortes, para o meu maninho se pendurar e fazer exercícios – coisa de que eu tinha uma pontinha de inveja, já que pendurar-se na bengala do vovô "não era coisa de menina" (...) Foi deles que senti mais falta nos nossos primeiros anos do meu "transplante" para o Brasil. Falta da ternura benevolente em que nos envolviam a nós, crianças, falta do seu amor incondicional, sem cobranças de qualquer espécie." [5]

[4] Tatiana Belinky, *Transplante de Menina: da Rua dos Navios à Rua Jaguaribe*. São Paulo: Moderna, 1995.pg.37
[5] Idem, pg.22

A mãe, Rosa, cirurgiã-dentista avançada para seu tempo, era, como Tatiana sempre diz, dentista, feminista e comunista e cantava um belo e vasto repertório de música como um virtuose. O pai, Aron, adorava contar estórias, era um *diseur* e interpretava. Ela conta que aprendeu a ler sozinha aos quatro anos, que falava letão e russo e descreve os passeios com a governanta, a Fraeulein, que brincava com eles e lhes ensinava alemão. E lembremos que cada língua que ela aprendeu tinha um alfabeto diferente: o russo era cirílico, o alemão era gótico, o letão latino e o iídich hebraico! Ela fala do rio Dáugava ou Dviná, em russo, que viam da janela do apartamento e que se transformava conforme as estações do ano, dos navios que passavam no verão, do rio congelado no inverno, onde todos passeavam de trenó e brincavam e do fantástico degelo da primavera que fazia um barulhão...

As ruas tinham nomes em três línguas: alemão, russo e letão, já que foram palco de muitas mudanças políticas.

Quando tinha nove anos foram passar três meses em São Petersburgo, cidade construída pelo Imperador Pedro, o Grande, toda planificada por arquitetos europeus. O presente de aniversário dos nove anos foi uma visita ao museu do Hermitage, o maior do mundo, onde apreciou muitas obras de arte.

O pai lhes trazia às vezes uma banana para dividir, fruto de terras distantes para onde acabaram emigrando, por causa das dificuldades que lá tiveram com a situação política e econômica que se tornou insustentável.

O Brasil era a alternativa possível, pois chamava imigrantes necessários para a lavoura e a incipiente indústria:

> "A história dessa imigração maciça – de italianos, espanhóis, japoneses, poloneses, judeus, árabes e filhos de tantos outros povos – depois da Primeira e antes da Segunda Guerra Mundial – é toda uma epopéia. Epopéia que já começou a ser contada em livros, teatro, cinema e até televisão. E que constitui um capítulo dos mais importantes na História do Brasil deste século, em especial a de São Paulo, do seu crescimento e progresso." [6]

[6] Idem, pg.10

Tatiana Belinky criança em 1923

O pai, poliglota, foi primeiro, para ”apalpar o terreno” e três meses depois seguiu a mãe com as crianças. Passaram alguns dias em Berlim onde a mãe comprou um conjunto novo de instrumentos de dentista. Seguiram para o porto de Hamburgo, e eles partiram no transatlântico alemão *General Mitre.* ”Mas o nome da nossa companhia de navegação era incrìvelmente comprido, e este eu não esqueci: Hamburgsuedamerikanische Dampfschiffahrtgesellschaft.” Hamburgo-americana-do-sul Companhia-de-viagens-a-vapor.” Eu achava esse nome o máximo, parecia um trava-língua!” [7]

Ela narra a travessia de navio, fala do capitão generoso que ajudou a família a se acomodar melhor e depois de várias peripécias, vinte e um dias depois, chegaram. A curva harmoniosa da praia de Copacabana com seu colar de pérolas de luzes faiscantes os recebia calorosamente. Uma cena marcante que caracteriza a chegada ao Brasil:

“No entanto, o que me impressionou mesmo, quase me assustou... ninguém pode imaginar. Foi um... não riam! Um cacho de bananas! Isso mesmo, um grande cacho de bananas, mais alto que eu, parado muito tranqüilo lá no cais, como que zombando do meu espanto ao ver aquela fartura, aquele despropósito de bananas!”[8]

Fizeram a viagem de Santos a São Paulo de trem com locomotiva a carvão, mas também puxado por uma máquina possante e depois chegaram a São Paulo e à Estação da Luz. É saborosa a descrição que ela faz da São Paulo de 1929, como um cartão postal, onde há o Teatro Municipal, o Anhangabaú, o Viaduto do Chá e o prédio da Light and Power com suas luzes possantes iluminando o céu.

O difícil começo foi sendo superado aos poucos. Tatiana descreve ainda em *Transplante de Menina* a feira do Largo do Arouche com suas frutas e verduras exóticas e a abundância de alimento barato. Fala do Cine Coliseu, sala popular onde as pessoas levavam bebês de colo, mamadeiras e sacos de amendoim e onde todos se divertiam à larga assistindo filmes de Carlitos e Rodolfo Valentino sem censura de idade. Os bondes com seus anúncios originais circulam pela história. São Paulo era na época o maior centro industrial da América do Sul.

Tatiana fala também da importância do rádio para a família recém imigrada, pois, além de aprenderem a falar português, era toda uma cultura de música que

[7] Idem, pg.56
[8] Idem, pg.66

ouviam, de modinhas e folclore a Carmen Miranda, de música nordestina a jazz, de sons indígenas e africanos a música clássica.

Lembra do Almanaque do Biotônico Fontoura que foi uma das suas primeiras leituras em português, onde leu também a estória do Jeca Tatuzinho. Nesta estória do Jeca Tatuzinho, seqüencia do Jeca Tatu, Monteiro Lobato mostra que o Jeca na verdade é doente, anda descalço, mora mal, tem ancilostomose, vermes e muitas doenças, e Lobato conta como ele vai ao médico, se cura, passa a andar calçado e progride. Era a época das campanhas sanitaristas. O *Almanaque do Biotônico Fontoura* era lido no Brasil inteiro e fez escola, era o jeito polêmico de Lobato ser patriota, as pessoas liam, discutiam e procuravam soluções.

Entraram logo em duas bibliotecas circulantes, e Dona Rosa exerceu sua profissão logo que chegou aqui com uma licença como prático licenciado e falava com seus clientes, com os médicos em alemão, e com as freiras da Santa Casa em latim!

Há ainda muitas estórias que Tatiana conta em *Transplante de Menina* , dos endiabrados moleques da Rua Jaguaribe, dos clientes da mãe, das mudanças de casa, das escolas, do progresso da família e das leituras.

Bidínsula é o nome de um livro e de um conto e era o nome do amigo imaginário de Benjamin, seu irmão temporão, dez anos mais novo, de quem ela cuidava com muito prazer como uma “irmãe”, já que a mãe trabalhava e ela se orgulhava do “maninho dos meus encantos”.

No livro “*17 é TOV!”* ela fala da adolescência, e lembra da Revolução Constitucionalista de São Paulo contra a ditadura de Getúlio Vargas, à qual ela “aderiu” aos doze anos doando seu único bem, uma correntinha de ouro, em troca da qual ganhou um anel de estanho com os dizeres “Dei ouro para o bem de São Paulo”. E com isso ela se sentiu brasileira – e paulista - pela primeira vez e para sempre. Ela fazia teatro na garagem da casa dela com Gilberta Autran, colega de escola, e seu irmãozinho Paulo Autran! Depois eles mudaram para a rua Itacolomi, e ela inventou um grêmio cultural, batizado de Clube Popeye, com muito senso de humor. Faziam as reuniões em casa, onde liam poesias, ouviam as *big bands*, faziam excursões em grupo, de bonde, de trem e a pé para a represa Billings, o pico do Jaraguá, a praia de Santos, a serra da Cantareira, etc. Tinham até um “órgão” mimeografado e produziram um livro: ”*De Rebus Pluribus*”, onde cada um escrevia

um capítulo para atrapalhar o próximo autor, que se perdeu. Apesar de também aqui a situação política ter ficado perigosa com Getúlio Vargas se inclinando ao fascismo, ela assina várias listas de protesto e adesão à campanha O Petróleo é Nosso! – o que era meio "ilegal". E conta que em certo momento foram protegidas do pior pelo pai de uma amiga.

Ela faz o curso comercial do Mackenzie e trabalha com o pai, representante comercial. Depois trabalha em mais dois empregos ganhando bem, um em um frigorífico americano e outro com um advogado e entra na Faculdade de Filosofia São Bento, onde estuda por um ano e meio, e onde conhece Clóvis Garcia, que também estudava lá.

Ela casou-se com o médico Júlio Gouveia e teve dois filhos, Ricardo e André. Júlio Gouveia e Tatiana Belinky são estórias de encontros que ela descreve em vários de seus livros autobiográficos, que contam pequenas estórias do dia a dia de seus filhos, irmãos, amigos, de sua relação com pessoas da cidade de São Paulo e de viagens pelo mundo: *Bidínsula e outros retalhos, Olhos de Ver, Acontecências, 17 é TOV, Mentiras... e mentiras,Sustos e sobressaltos da TV sem VT, Onde já se viu?*

No início dos anos quarenta ela foi o arrimo da família quando o pai faleceu em um acidente de avião e ela teve de continuar seu negócio como representante comercial. Ela conta da difícil viagem para New York em plena guerra para conquistar a confiança necessária dos fornecedores. Ela foi com o marido, deixando o filho que ainda não tinha completado um ano com a mãe, Dona Rosa e os irmãos. Mas apesar da longa viagem, tudo acabou dando certo.[9]

Em 1948 Júlio adapta a estória de Peter Pan, de James Matthew Barrie, para apresentar em um aniversário de criança. As pessoas gostam e vem a sugestão de montar a peça um pouco ampliada no Teatro Municipal de São Paulo para arrecadar fundos para uma sociedade beneficente. Agradaram tanto que foram chamados a apresentar teatro para as escolas públicas nos fins de semana. E foi o que fizeram durante três anos, de 1949 a 1951.

[9] Tatiana Belinky, *17 é TOV!,* Companhia das Letrinhas, 2005, pg.51

Tatiana Belinky jovem em 1949

Em 1951, com o advento da TV, foram convidados a fazer um programa infanto-juvenil para crianças, e apresentaram a peça *Os três ursos,* de Tatiana Belinky. Durante mais de uma década eles fizeram programas infanto-juvenis para a TV. Vamos falar sobre isso mais adiante.

Um dia Edgard Cavalheiro procurava alguém para traduzir um conto de Tchekhov e convidou Tatiana, que aceitou e assim iniciou uma carreira de tradutora, e já traduziu mais de oitenta obras.

Entre 1965 e 1972 cria a Subcomissão de Teatro Infanto-Juvenil da Comissão Estadual de Teatro e publica a revista Teatro da Juventude.

A atividade de Tatiana Belinky no jornalismo é vasta. Nos anos cinqüenta ela tinha uma coluna sobre TV em mais de um periódico. Desde 1978 exerceu durante alguns anos a crítica de teatro e escreveu resenhas de literatura infanto-juvenil, orientando pais, professores, crianças e jovens a escolher peças e livros de qualidade. Ela escreveu para o *Jornal da Tarde,* Caderno 2 de *O Estado de São Paulo, Folha Ilustrada,* revista *Veja, Shopping News.*

Ela participou de cursos, seminários, encontros, mesas redondas e simpósios organizados pela Comissão Estadual de Teatro, Associação Paulista de Teatro para Infância e Juventude, Centro Brasileiro de Teatro para Infância e Juventude, Associação Paulista de Críticos de Arte, Instituto Nacional de Artes Cênicas, Serviço Social do Comércio, centros culturais, escolas, bibliotecas, mídia, etc.

Recebeu inúmeros prêmios e distinções, destacando-se, em 1988, a estátua de bronze para “A Personalidade Cultural do Ano” concedida pela Fundação Nestlé de Cultura, e em 1989, o Jabuti para “Personalidade Literária do Ano” concedido pela Câmara Brasileira do Livro.

Nas pastas que pesquisamos, encontramos um folheto do ano 2000 referente a um Concurso Nacional de Dramaturgia, prêmios: Tatiana Belinky de dramaturgia para crianças, Júlio Gouveia de dramaturgia para adolescentes e Plínio Marcos de dramaturgia para adultos, patrocinado pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

Nos anos oitenta foi convidada a escrever livros para crianças, uma atividade que continua a exercer para o prazer de muitos leitores e que vamos detalhar bastante no capítulo referente a literatura.

Tatiana Belinky

CAPÍTULO II. PETER PAN

Tatiana Belinky, Júlio Gouveia e o Teatro Escola de São Paulo foram os pioneiros do teatro infantil e juvenil paulistano. Começou com eles o teatro profissional para crianças. Foi no aniversário de uma amiga de seu filho que eles resolveram dar um presente diferente. Em vez de dar qualquer coisa material, deram de presente um teatrinho: a adaptação que Júlio Gouveia fez de *Peter Pan* de James Matthew Barrie. Ficou tão bom que diretoras de uma sociedade beneficente os convidaram a ampliar a montagem e levá-la ao Teatro Municipal.

Capa do livro *Peter e Wendy* (1915)

A cenógrafo foi feita pelo italiano Ruggero Jacobbi, que veio ao Brasil a convite do TBC. Foi também a estréia de muitas pessoas que depois se tornaram importantes no meio artístico. A partir da estréia no Teatro Municipal, a Secretaria Municipal de Cultura subsidiou o grupo durante três anos para se apresentarem nos teatros públicos da época, nos finais de semana: o Santana, o São João de Belém, o São Pedro, o São Paulo e o Colombo.

Foi em 1949 que começou o TESP – Teatro Escola de São Paulo, grupo semi-amador que se especializou em teatro infanto-juvenil. E Júlio Gouveia disse que o nome *Tesp* não foi escolhido ao acaso. “Acontece que *Tesp* lembra Tespis, que é o nome de um ator e autor trágico grego que, de acordo com a tradição ateniense, foi o criador do drama, isto é, do teatro grego, que é o pai de todo teatro

mundial". [10] Ele levava seu teatro pela Grécia em uma carroça conhecida como a carroça de Tespis.

A carroça de Tespis

O TESP não era uma escola de teatro e sim um teatro-escola, quem queria participar se apresentava, batia um papinho com o diretor e deixava nome, endereço e telefone. Quando aparecia uma oportunidade, ele era simplesmente chamado a fazer uma "ponta", e assim as coisas iam se encaminhando conforme a necessidade do texto.

E assim, de 1949 a 1952, nos fins de semana, eles apresentaram teatro para crianças e jovens. Ônibus da prefeitura buscavam as crianças nos grupos escolares, só com alguns monitores, deixando as crianças livres da tutela de adultos. Os ingressos eram impressos e cada criança recebia o seu, para que o teatro fosse devidamente valorizado.

Eles estreavam as peças no Teatro Municipal, apresentavam nos outros teatros do centro, depois iam aos bairros e depois à periferia. Onde não havia teatros, eles apresentavam em cinemas, auditórios de bibliotecas, clubes, igrejas e até em hospitais.

No livro *Os Caminhos do Teatro Paulista,* Clóvis Garcia registra no retrospecto de 1951:

"O Teatro do Sesc, sob a direção de Júlio Gouveia, representou "O Noviço" de Martins Penna. Tivemos ainda o teatro infantil apresentado por Júlio Gouveia com "Peter Pan" e "Os Três Ursos".[11]

---

[10] Recorte de *Papel e Tinta,* de 13/9/1958

[11] Clóvis Garcia. *Os Caminhos do Teatro Paulista: o Cruzeiro (1951-1958), a Nação (1963-1964*). São Paulo, Prêmio, 2006, pg. 52.

Junto com Peter Pan e o começo do teatro para crianças em São Paulo há o começo da atividade de teatro do SESC em São Paulo.

Um dos programas que pesquisamos nas pastas de Tatiana é o do “Peter Pan” no Cine Teatro São Pedro do dia 18 de fevereiro de 1951, onde Tatiana é a mamãe, Sérgio Rosemberg é Joãozinho, Lúcia Lambertini é Vanda, Clóvis Garcia é o papai, a Fada Sininho é representada por “Ela mesma”, Haydée Bittencourt é Peter Pan, Nelson Schor é Quasetudo, Sonik Vaz é Banguela, Evon Kuperman é Pele-Vermelha, Cláudio Gandelman é Mão Furada, André Gouveia (filho caçula de Tatiana) é Lamparina, Nestor Schor é Martim-Pescador, Benjamin Belinky (irmão caçula dela) é o Capitão Gancho, Aldo Lazzerini é o Gorila, Raymundo Victor Duprat é Beiçudo, Roberto Zambelli é Zarolho, Milton Cesar Pestana é Capenga e O Jacaré é “O próprio”. O guarda-roupa é de responsabilidade de Tatiana Belinky.

Outro programa é o do Teatro Municipal do dia 13 de maio de 1951, dia das mães, onde às 10 horas o Teatro-Escola de São Paulo apresenta a peça em 3 atos, para crianças: *Os Três Ursos*, baseada nos personagens de Charlotte Chorpenning por Tatiana Belinky Gouveia. A história é a de *Cachinhos Dourados e os Três Ursos.* Os personagens (por ordem de entrada) são a ursa, representada por Maria Cecília de Carvalho, o urso, por Benjamin Belinky, o Ursinho (Parducho) por Ricardo Gouveia (filho mais velho de Tatiana), Áurea por Lúcia Markman Sampaio, Conde por Waldomiro Barone, Cinzento por Roberto Koln, Condessa por Lúcia Lambertini, Guilherme por David Garófalo. O primeiro e o terceiro atos se passam na Casa dos Ursos, o segundo ato na floresta. Os móveis e utensílios vêm da Casa Teatral, os discos são cedidos pela Discoteca Pública Municipal, as Cabeças dos Ursos são feitas por Norma Rasmussen, as roupas dos ursos por Vera Halsman, a colaboração musical é de Vera Ancona de Andrade, a luz de Joaquim Pesce, os cenários são de Leo Rosetti, a técnica de som é Eva Kuperman, a assistência de direção é feita por Tatiana Belinky Gouveia. O diretor de cena é Abram Belinky (irmão de Tatiana), a direção artística é de Júlio Gouveia. A realização é da Divisão de Expansão Cultural do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Charlotte Chorpenning, cujos personagens serviram de inspiração para a adaptação de Tatiana Belinky, foi uma pioneira do teatro para crianças nos Estados Unidos. Ela tinha sessenta anos em 1933 quando começou a escrever peças para

crianças para o Goodman Theatre em Chicago e lá ficou por 21 anos. Ela preferia adaptar títulos bem conhecidos como *A Roupa Nova do Imperador* porque se acreditava que as crianças iriam preferir assistir peças de teatro com histórias que já conhecessem. Ela via uma qualidade universal e estruturas arquetípicas do crescimento nos contos de fadas e adaptou vários deles. Acreditava que se as crianças pudessem se identificar com um ou mais personagens de uma peça, teriam mais interesse por ela. Esse conceito é seguido até hoje. Há um prêmio dado a dramaturgos para crianças com seu nome.[12]

Há uma apresentação de Peter Pan no Teatro Cultura Artística de 18 de junho de1950 que traz Eny Autran Garcia Ribeiro (irmã de Paulo Autran) como mamãe e Alberto Guzik como Banguela, cenário de Ruggero Jacobbi e como contra regra Abram Belinky. E há a famosa e hoje rara foto da encenação de Peter Pan com Clóvis Garcia e Alberto Guzik no livro de Maria Lúcia Pupo *No Reino da Desigualdade*, onde ela mostra os pioneiros do teatro para crianças em São Paulo no contexto de uma pesquisa sobre o teatro infantil dos anos 70.

O artigo de Liba Frydman na Gazeta mostra como tudo foi ligado e próximo no início para Júlio Gouveia. Atuar com os amadores do TBC com Paulo Autran, iniciar o grupo de amadores do SESC e nos finais de semana apresentar o teatro infantil enquanto exercia sua profissão de médico:

> "Ligado ao teatro desde seus tempos como estudante da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde se formou em 1939, nunca mais Júlio Gouveia abandonou suas atividades artísticas. Interessado em psicologia e psiquiatria, ainda quando estudante estagiou ele no Hospital do Juqueri e no Serviço de Psiquiatria da Policlínica de São Paulo, pensando nesta época na maneira de aplicar o teatro à higiene mental. Pouco depois iniciava sua carreira artística, como ator, fazendo um dos papéis principais de "A Noite de 16 de Janeiro", com o último grupo de amadores do então novo Teatro Brasileiro de Comédia, juntamente com Paulo Autran, Nídia Lícia, Abílio Pereira de Almeida, Célia Biar, Marina Freire, João Coelho Neto, Clóvis Garcia e outros que mais tarde muito se destacaram em vários setores artísticos. Isso foi em 1949. Nesse mesmo ano, Júlio Gouveia foi convidado a dirigir o Teatro de Amadores do SESC, onde dirigiu vários espetáculos, lançando atores ainda hoje em dia muito conhecidos."[13]

[12] http://faculty-web.at.northwestern.edu/theater/tya/history.html
[13] Jornal *A Gazeta*, de 1/12/1958, artigo de Liba Frydman

Ilustração de Peter Pan tocando flauta da novela *Peter e Wendy* de 1911

Vamos dar mais um exemplo, o de 08/06/1952 quando eles apresentam *Fábulas Animadas* no Cine Teatro Braz Politeama e cujo programa é:

I. “A onça e o bode”, de Augusto Cavalheiro Lima, com os personagens A onça representada por Wanda Primo, O bode, por Paulo Basco e a Macaca, por Suzy Arruda. II. “Maluquices Musicais” com Fuzarca e Torresmo (os dois malucos da TV) e III. “A cigarra e a formiga” de Júlio Gouveia, com os personagens A Cigarra, com Lúcia Lambertini e A Formiga, com Haydée Bittencourt. A direção geral é de Júlio Gouveia, a direção de cena de Abram Belinky, agora com a colaboração das Emissoras Associadas e dos Diários Associados.

Ilustração de Gustave Doré para a fábula *A cigarra e a formiga*, de La Fontaine.

O que se conclui ao estudar os programas dos espetáculos é que no grupo do TESP existe um artesanato cuidadoso, amador no bom sentido, que vai lhes dando os instrumentos para a profissionalização. As pessoas vão “descobrincando” o que lhes dá mais prazer, atuar, fazer cenário, música, escrever, produzir, roupas, luz, programa, divulgar, dirigir, na prática todos fazem de tudo em algum momento. Mas o que parece estar muito presente é um grande prazer de encontrar um grupo de verdadeiros parentes e amigos que acreditam na importância de compartilhar arte e cultura com muitas crianças de escolas públicas, formando toda uma geração.

Vale lembrar que quem convidou Júlio Gouveia a dirigir o grupo de amadores do SESC foi Décio de Almeida Prado.

Quando pesquisamos os programas nas pastas de Tatiana percebemos que alguns atores que trabalham com o grupo amador do SESC também fazem parte do TESP. Por exemplo, Haydée Bittencourt , o Peter Pan do TESP, é Dona Isolina em "O Calcanhar de Aquiles", de Magalhães Júnior, peça que se baseia nas atribulações cotidianas de uma família tìpicamente brasileira, apresentado no Teatro Royal, da Cia. Cinematográfica Serrador, pelo SESC em 1951. Também Lúcia Lambertini fazia parte dos dois elencos. Comentários da época falam da evolução do grupo amador, cuja qualidade melhora a olhos vistos e que conquista os aplausos da crítica teatral de São Paulo.

> "Teatro do Comerciário:
>
> Quem escrever a história do teatro em São Paulo, não poderá omitir um capítulo para o Teatro do Comerciário, porque representa a participação consciente de uma classe no reerguimento artístico de São Paulo.
>
> Foi apresentado em cinco de janeiro deste ano com "Os Irmãos das Almas", de Martins Pena, graças ao idealismo de Décio de Almeida Prado que o tirou do nada e traçou-lhe o rumo. "Não basta fazer teatro é necessário bom teatro." Tal foi o êxito que exigiu sucessivas representações e permitiu a realização do Curso de Noções de Teatro com o apoio de Alfredo Mesquita, Cacilda Becker, Décio de Almeida Prado, Júlio de Gouveia, Oduvaldo Viana, Ruggero Jacobbi, Vicente Ancona. E mais tarde o Curso Prático de Teatro, sob a direção de Júlio de Gouveia."[14]

Temos um programa de "O Noviço" de 16 de abril de 1951, apresentando a peça em 3 atos de Martins Pena, com Lúcia Lambertini, Eny Autran Ribeiro, David Garófalo Neto, Sérgio Rosemberg, Roberto Koln, Maria Cecília de Carvalho, Rubens Molino, Osiris de Oliveira, Jackson Pitelli e Paulo Basco no Teatro Royal, e lá já consta "O elenco permanente do Teatro do Comerciário". Portanto, o teatro para crianças e o teatro do SESC tiveram a mesma raiz e nasceram pràticamente ao mesmo tempo com muitos atores em comum e o diretor também.

No Primeiro Congresso Brasileiro de Teatro no Rio de Janeiro em 1954, Julio Gouveia apresenta seu ensaio – tese: *"O Teatro para Crianças e Adolescentes: bases psicológicas, pedagógicas, técnicas e estéticas para sua realização".* O texto foi publicado nos anais do Congresso e na *Antologia de Peças Teatrais: Mas esta é uma outra história...*, pequena antologia de peças teatrais de Monteiro Lobato adaptadas por Júlio Gouveia e organizada por Tatiana Belinky e começa assim:

[14] Programa do Teatro Municipal de São Paulo do dia 28/10/1950

“Desnecessário seria enfatizar que, entre as várias funções do teatro para crianças, uma das mais importantes – talvez a mais importante – é a função de educar. É óbvio que a função de educar não deve ser interpretada meramente no sentido estrito e rigoroso de conduzir, domar ou domesticar. Educar é fornecer os instrumentos intelectuais, morais e éticos necessários à criança (e ao ser humano em geral) visando a sua integração individual, familiar e social, consciente e responsável. Educar é fornecer ao indivíduo condições para percorrer em pouquíssimo tempo o longo e árduo caminho de milênios que levou do homem primitivo ao homem civilizado, através do aprendizado por *trial and error*, ao relacionamento humano autêntico e construtivo, ou seja, a aprender que é preciso respeitar para ser respeitado e, assim, garantir a sua tranqüilidade pessoal e o bem-estar social.

No palco, devemos criar situações e conflitos que precisam ser resolvidos. E a maneira encontrada para essa solução vai desencadear na criança processos mentais que a levarão a formular conceitos de comportamento e de relacionamento adequados para o desenvolvimento harmonioso da sua personalidade. Assim, a maior assiduidade da criança ao bom teatro acaba por colocá-la em contato com toda sorte de situações e conflitos, ampliando, por extensão, os seus próprios processos mentais. Através deste mecanismo, o teatro se torna uma das poucas agências educacionais que, ao invés de “fazer a cabeça” da criança (expressão horrorosa, tão em moda nos nossos dias), *abre* a cabeça da criança, tornando-a apta a avaliar por si mesma o “bom” e o “mau”, o “certo” e o “errado”. Esta criança vai deixando de “engolir sem mastigar” julgamentos apriorísticos baseados nos conceitos deturpados, viciados e falsos (melhor dito, preconceitos) adquiridos por contaminação da maioria dos adultos. Preconceitos e imensurável e estúpido acirramento, que com tanta freqüência criam neuroses e acabam sendo os principais responsáveis pelo encaminhamento do adulto ao psiquiatra.

Porém não há dúvida de que o teatro para crianças tanto pode contribuir para a educação como para a deseducação. Depende do grau de competência e seriedade do autor e do diretor e até mesmo do mais obscuro dos atores. Certa vez perguntaram a Stanislavsky, o grande teatrólogo russo criador do “método” que leva seu nome, como deveria ser o teatro para crianças. Ele pensou um instante e respondeu: “Igual ao dos adultos, só que melhor”. Concordamos, porém em termos, já que os critérios aqui não podem ser absolutos e sim relativos, pois, se cada público tem o teatro que merece, nenhum teatro pode ir além das possibilidades do seu próprio público. E, por isso, convém indicar quais as medidas que devem

> ser postas em prática a fim de preparar públicos cada vez melhores, tanto qualitativa como quantitativamente, para produzir a "reação em cadeia" que, ao dar ao público um teatro cada vez mais qualificado, cria ao mesmo tempo um público cada vez mais exigente e melhor para o teatro.
>
> Portanto, no teatro como na medicina, ao lado das medidas curativas, isto é, a reeducação dos adultos imbuídos de preconceitos – tarefa ingrata, lenta e de resultados duvidosos – teremos de utilizar também e principalmente os métodos profiláticos, a saber: evitar na criança a formação de concepções falsas, desenvolver o interesse pelas coisas de teatro e, divertindo-a, elevar o nível intelectual e artístico das novas gerações. Dessa forma, chegaremos mais depressa ao dia em que o teatro, tanto o infantil como o adulto, poderá contar com um público numeroso, consciente e de padrão cultural elevado". [15]

Júlio Gouveia faz um estudo sobre a especificidade do teatro para crianças e delimita o território do que é bom teatro para eles a partir da experiência adquirida durante os anos das apresentações do TESP. Ele fazia pesquisa sobre o teatro infantil no mundo e mostrou os instrumentos científicos para compreender a reação das crianças no teatro. A partir dessas pesquisas, ele constata: "A experiência já demonstrou sobejamente, nos Estados Unidos, na União Soviética e em alguns países europeus, onde foram feitas pesquisas sobre o público teatral, que a integração e o amadurecimento da personalidade avançam um passo a cada experiência estética fornecida pelo teatro. E quanto mais verdadeira, autêntica, for a experiência estética, tanto mais profundo será o resultado educativo". [16]

David José faz um estudo detalhado dos novos grupos amadores de teatro, do qual o TESP faz parte:

> "Para o casal Júlio Gouveia e Tatiana Belinky, o ano de 1949 é o da organização da Sociedade de Amadores do Teatro de Arte para Crianças, uma sociedade cultural, formada por seus familiares e alguns amigos, cuja finalidade era fazer exclusivamente teatro infantil e juvenil, apresentando espetáculos de valor estético e educativo, sem interesses comerciais, dirigidos às crianças e aos adolescentes.(...) Segundo ela (Haydée Bittencourt), Júlio Gouveia foi a primeira pessoa em São Paulo a estudar e a introduzir o método de interpretação para atores de Constantin Stanislávski,

[15] Júlio Gouveia. *Antologia de peças teatrais:Mas esta é uma outra história...* São Paulo, Moderna, 2005, pg. 59
[16] Idem, pg.62

> tão em voga na época na famosa escola de formação de atores de Nova Iorque, Actor's Studio."[17]

Portanto, vimos que o teatro infantil pioneiro de São Paulo começou da melhor maneira, apresentando ao público escolar como um todo espetáculos de ótima qualidade subsidiados pelo governo e com uma clara função artística e educativa. Era vanguarda para a época, seguindo Stanislavsky em sua busca por um teatro de arte, e ainda mais elaborado, por ser teatro para crianças. O Teatro Infantil seguia a orientação da "American Educational Theatre Association", da qual Júlio Gouveia era o único membro brasileiro, além de ele ter sido Presidente da Seção Paulista do Instituto Internacional de Teatro da Unesco.

[17] David José Lessa Mattos. *O Espetáculo da Cultura Paulista: Teatro e Televisão em São Paulo (décadas de 1940 e 1950)*. Códex, São Paulo, 2002, pg.214.

CAPÍTULO III. MONTEIRO LOBATO E ANÍSIO TEIXEIRA

Em 1928 Lobato está em Nova Iorque, como adido comercial enviado por Washington Luis e lá conhece Anísio Teixeira, então aluno de mestrado no Teacher's College da Universidade de Colúmbia:

> "Lobato e Anísio uniram-se em uma amizade que duraria por toda a vida, desenvolvendo, conforme registrou Alberto Venâncio Filho, uma admiração mútua incondicional e sem reservas. (...) Terminado o curso, Anísio Teixeira retorna, sobressaindo-se mais tarde como um dos líderes do movimento pela renovação do sistema educacional. "Tua saída desfalcou a sério esta imensa cidade e a vítima maior do desfalque fui eu. Fiquei sem que fazer dos meus domingos...as tardes ficaram miseráveis". [18]

[19]

E Lobato comenta:

[18] Carmen Lúcia de Azevedo, Márcia Camargos, Vladimir Sacchetta. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia.*São Paulo, Senac, 1997, pg. 241.

[19] Foto idem, pg.225 –"Lobato em *portrait* chapliniano, estampado pela revista carioca *Brazilian America*, à época de sua partida para os Estados Unidos."

“Professor de filosofia da educação na Escola Normal... Que castigo! Pegar dum Anísio, pô-lo no ambiente da Colúmbia um ano e depois, professor de filosofia da educação na escola normalíssima da Mulata Velha...”. (Nunes, pg.92)

Havia então a necessidade de muitos pensadores de reformular a educação no Brasil. Na verdade o contato com os Estados Unidos daquela época, que se preparava para ser um gigante no futuro, tinha a admiração de muitos. O contraste com o Brasil daquele tempo era patente, atrasado e começando a receber a grande leva de imigrantes que lhe permitiria um crescimento maior. Lembremos que a família de Tatiana Belinky veio para o Brasil nessa época. As tardes que Lobato e Teixeira passavam visitando museus e conhecendo a cidade certamente tinham como assunto também as idéias da educação progressiva que Teixeira estudava com Dewey e outros professores da universidade. Na verdade a questão era também sobre o ensino para todas as crianças, uma realidade que ainda estava longe de existir no Brasil daquela época. Mesmo Anísio Teixeira quando foi para lá ainda tinha idéias conservadoras e elitistas, de um tempo que ainda não tinha realizado as idéias republicanas. Mas em contato com o ideal de educação de Dewey ele se entusiasmou com a real possibilidade de transformação da sociedade, entusiasmo esse que ele compartilhou com inúmeras pessoas do mundo inteiro que estudaram e trouxeram para seus países a idéia de que uma educação renovada e universal traria um verdadeiro progresso para todos os membros dessa mesma comunidade.

Anísio Teixeira e as crianças

Anísio Teixeira afirmava que: “Só existirá democracia no Brasil no dia em que se montar no país a máquina que prepara as democracias. Essa máquina é a da escola pública.” [20]

No livro de Ana Mae Barbosa *John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil,* o capítulo IV fala de: *A Influência de John Dewey na Educação Brasileira através de Anísio Teixeira* e ela escreve:

> “Havia uma crença generalizada no poder da educação para modificar a sociedade. Esse “otimismo pedagógico”, que surgiu como conseqüência do desejo de renovar o país, foi também inspirado em Dewey, em seus escritos, especialmente no *Democracy and Education*,(...) É evidente neste livro a crença no poder da educação para a reestruturação social. “O que a nutrição e a reprodução representam para a vida fisiológica, a educação representa para a vida social.”
>
> Esse otimismo é descrito em linhas gerais em *The school and society*, o segundo trabalho de Dewey mais citado no Brasil naquele tempo. “Quando a escola introduz e treina cada criança da sociedade, tornando-a membro desta pequena comunidade, saturando-a com o espírito da obrigação social e proporcionando-lhe os instrumentos para um autodirecionamento eficiente, nós temos a mais profunda e melhor garantia de que a sociedade maior seja admirável, harmoniosa, excelente.” [21]

Segundo Ana Mae Barbosa: “Teixeira foi o mais fiel representante das idéias de Dewey no Brasil.” Ela diz que pela primeira vez na história do Brasil se procurava adaptar uma influência estrangeira a uma realidade brasileira. Até então os modelos eram copiados e “essa imitação das “metrópoles” era considerada admirável, elogiada e procurada por grande parte do povo aculturado.”

> “Uma explicação possível seria a força do nacionalismo naquele tempo. Como disse Bradford Burns [22]: “Nos anos 1920, prosperidade no país e paz no estrangeiro possibilitaram aos nacionalistas oportunidade de observar mais honestamente o seu próprio país, compreendendo mais amplamente suas potencialidades e fraquezas. “Os nacionalistas mostravam-se ansiosos em tomar as medidas necessárias para modernizar o país.” Por outro lado, porém, as próprias idéias de Dewey, completamente desprovidas de

[20] http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/indexa.htm
[21] Ana Mae Barbosa. *John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil.* São Paulo, Cortez, 2002, pg.67.
[22] Idem, pg.189. Fontes secundárias em língua estrangeira. Burns, Bradford. *Nationalism in Brazil.* New York, Frederick A. Praeger, 1968.

ideologia imperialista, despertaram a necessidade de se pensar numa adaptação às condições nacionais." [23]

Lobato era um desses nacionalistas. Essa necessidade de trazer as idéias novas, de modernizar o país, que já existiam no Lobato do Saci e do Jeca Tatú vão levá-lo a escrever a utopia do *Poço do Visconde*, que vamos abordar no próximo capítulo. Ele encontra no diálogo com Anísio Teixeira uma forma de dar forma a um sonho. Um sonho que ele realiza escrevendo. Ele acaba criando um caminho novo para escrever temas que naquela época eram ensinados às crianças de maneira muito árdua e escreve uma gramática de forma lúdica. Ele conta mais tarde que as próprias crianças o cercavam nas escolas onde ia e lhe pediam para escrever. Vejamos um pequeno trecho da carta que ele escreve em 21/11/1933 a Anísio Teixeira:

"Estou escrevendo *Emília no País da Gramática.* Está saindo estupendo. Inda agora fiz a entrevista da Emília, na qualidade de repórter do *Grito do Pica-Pau Amarelo,* um jornal que ela vai fundar no sítio, com o venerabilíssimo verbo SER, que ela trata respeitosamente de Vossa Serência! Está tão pernóstica, Anísio, que você não imagina." [24]

Procuramos este trecho no livro *Emília no País da Gramática:*

"Emília foi levada à presença dele e entrou muito tesa, com um bloquinho de papel debaixo do braço e um lápis sem ponta atrás da orelha. O venerando ancião estava sentado num trono tendo em redor de si os seus sessenta e oito filhos - ou Pessoas dos seus Modos e Tempos. Parecia um velho de mil anos, com aquela cabeleira branca de Papai Noel.

- Salve, Serência! – exclamou Emília, curvando-se diante dele, com os braços espichados, à moda do Oriente. - O que me traz à vossa augusta presença é o desejo de bem servir aos milhares de leitores do *Grito do Picapau Amarelo*, o jornal de maior tiragem do sítio de Dona Benta. Os coitados estão ansiosos por conhecer as idéias de Vossa Serência sobre mil coisas.

- Suba, menina!- respondeu o verbo *Ser* com voz trêmula.

Emília subiu os degraus do trono, abrindo caminho a cotoveladas por entre a soldadesca atônita e foi postar-se bem defronte do venerável ancião.

[23] Idem, pg. 65.

[24] Cassiano Nunes. *Monteiro Lobato Vivo. (Coordenação*). Rio de Janeiro: MPM, Record, 1986,pg. 95

-Fale, Serência, enquanto eu tomo notas - disse ela e começou a fazer ponta no lápis com os dentes." [25]

Fazer ponta no lápis nem que seja com os dentes demonstra a necessidade de conhecer da Emília, de qualquer ser humano, que Madalena Freire descreve na introdução de seu livro *A paixão de conhecer o mundo:*

> "Porque o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém. A escola em geral tem esta prática, a de que o conhecimento pode ser doado, impedindo que a criança e, também os professores o construam. Só assim a busca do conhecimento não é preparação para nada, e sim VIDA, aqui e agora." [26]

E completando com um pensamento de Anísio Teixeira:

> "A pesquisa não é algo que sucede na mente nem sequer no organismo isolado, mas algo que caracteriza uma situação real do organismo e do meio; uma situação de desequilíbrio suscita o processo de pesquisa; este opera a restauração do equilíbrio e a determinação da situação indeterminada que lhe deu origem. A lógica da investigação ou da busca do conhecimento é a réplica, em nível mais alto, da lógica germinal da atividade biológica." [27]

Numa carta de 15 de agosto de 1934, Lobato diz a Viana:

> "A minha Emília está realmente um sucesso entre as crianças e os professores. Basta dizer que tirei uma edição inicial de 20.000 e o Octales está com medo que não agüente o resto do ano. Só aí no Rio, 4.000 vendidas num mês. Mas a crítica de fato não percebeu a significação da obra. Vale como significação de que *há caminhos novos para o ensino das matérias abstratas.* Numa escola que visitei a criançada me rodeou com grandes festas e me pediram: "Faça a Emília do país da aritmética." Esse pedido espontâneo, esse grito d'alma da criança não está indicando um caminho? O livro como o temos tortura as pobres crianças – e no entanto poderia diverti-las, como a gramática da Emília o está fazendo. Todos os livros podiam tornar-se uma pândega, uma farra infantil. A química, a física, a biologia, a geografia prestam-se imensamente porque lidam com coisas concretas. O mais difícil era a gramática e é a aritmética. Fiz a primeira e vou tentar a segunda. O resto fica canja.
>
> O Anísio Teixeira acha que é toda uma nova metodologia que se abre. Amém." [28]

---

[25] Monteiro Lobato. *Emília no País da Gramática.* São Paulo, Brasiliense, 1994, pg. 29.
[26] Madalena Freire. *A Paixão de Conhecer o Mundo*. São Paulo, Paz e Terra, 1983, pg.15.
[27] Wanda Pompeu Geribello. *Anísio Teixeira, Análise e Sistematização de sua Obra*. São Paulo, Atlas, pg. 185
[28] Cassiano Nunes. *Monteiro Lobato Vivo. (Coordenação*). Rio de Janeiro: MPM, Record, 1986,pg. 96

Anísio Teixeira afirma que:

“Monteiro Lobato pertencia a essa rara família de profetas e poetas, que condensam, de súbito, para um momento e um povo, a sua própria essência espiritual. (Cavalheiro,vol.II, pg. 353)

“Guarda para as crianças, o seu amor, a sua espantosa capacidade de candura e de infância. E tenta qualquer coisa como uma enciclopédia infantil. Faz-se o maior escritor de crianças do seu tempo e da sua língua. Transforma-se num mestre-escola genial, em livros-milagre, revelando uma capacidade espantosa de ensino e de revolução didática. (Cavalheiro, vol.II, pg. 355).

Considerando que *Reinações de Narizinho* foi publicado em 1931, e que Lobato conhece Anísio Teixeira em 1928, é fácil deduzir o quanto as idéias da educação progressiva estão presentes no livro.

E é esse universo muito rico do *Sítio do Picapau Amarelo* que é levado para a recém nascida televisão por Tatiana Belinky, Júlio Gouveia e o TESP, e que traz o espírito vivo do autor, falecido em 1948 e que não chega a ver a sua obra na TV.

Vejamos agora algumas fotos de cenas de *Emília no País da Gramática* de Monteiro Lobato adaptado por Tatiana Belinky, dirigido por Júlio Gouveia e apresentado pelo TESP na TV Tupi dos anos cinqüenta:

Neologismo

Arcaismo

Barbarismo

Solecisi

Éco

Colisão

CIDADE
SINTAXE

SINONIMO
CASA D
PLEONA

CAPÍTULO IV. A UTOPIA DE MONTEIRO LOBATO

"A História é o que aconteceu, a Literatura é o que poderia ter acontecido". Assim falou Lygia Fagundes Teles no programa Entrelinhas, da TV Cultura, no dia 25.11.2007.

O livro *O Poço do Visconde*, escrito em 1937, conta a história de como a turma do *Sítio do Picapau Amarelo* descobre petróleo lá mesmo no sítio e pensa no que fazer com tanta riqueza.

No livro, Lobato fala através de seus personagens qual é a sua utopia:

> "Minha filha - disse Dona Benta - nossa vida aqui tem sido tão feliz que meu medo é que essa riqueza nos traga desgraça. Um palácio? Mas julga você que num palácio possamos viver mais felizes do que nesta casinha gostosa? Ah, vocês não calculam como os milionários e os reis se aborrecem em seus palácios de ouro, no meio da criadagem solene, perfilada como soldados de casaca... Veja esse Eduardo VIII da Inglaterra, o mais poderoso rei do mundo, que se enjoou de palácios e criados e etiquetas a ponto de mandar tudo às favas, para ir viver com sua mulherzinha a vida livre dos homens comuns. Não. O acertado é não mudarmos o nosso viver. Se somos felizes, que mais queremos?" [29]

E o pensamento vai se desenvolvendo, "O dinheiro foi feito para circular, não para apodrecer nas arcas; mas em vez de gastá-lo egoìsticamente só conosco, como fazem os maus ricos, podemos gastá-lo de modo a beneficiar os milhares de pobrezinhos que nunca tiraram petróleo" diz Dona Benta.

Pedrinho se encanta com a idéia da avó, a criança aceita a utopia de Lobato: "– Está aí uma idéia! – exclamou Pedrinho. – E a gente diverte-se muito mais gastando o dinheiro assim do que só com a gente."

Dona Benta orienta Pedrinho e o leitor criança quanto aos problemas do Jeca Tatu: "– Isso, meu filho. Você está certo. O maior prazer da vida é fazer o bem. Eu sempre quis beneficiar este nosso povo da roça, tão miserável, sem cultura nenhuma, sem resistência, largado em pleno abandono no mato, corroído de doenças tão feias e dolorosas. Se empregarmos nosso dinheiro em melhorar-lhe a sorte, não só nos divertiremos, como você diz, como ficaremos com a consciência tranqüila. Meu programa é esse."

---

[29] Monteiro Lobato. *O Poço do Visconde.São Paulo:* Brasiliense, 2004, pg.89, 90, 91, todos os textos citados.

E em seguida Dona Benta, Pedrinho, Narizinho, o Visconde e Emília vão falando do que precisa ser feito:

Pedrinho quer construir estradas, porque as que existem são estradas de atolagem, não de rodagem: “Durante os meses de chuva, o Brasil inteiro só faz uma coisa: atola-se nas estradas, não rola.”

Narizinho quer construir “..umas boas escolas profissionais...” Quer também fazer “umas casas de saúde bem modernas, com os melhores médicos e todas as comodidades, como os hospitais americanos que a senhora contou outro dia.”. Mais: “E construiremos para eles casas decentes, com higiene e coisas modernas, que lhes sejam vendidas a prestações bem baixinhas. É uma vergonha para nossa terra como moram as gentes da roça – em casebres de sapé e barro, imundíssimos, sem mobília, sem nada lá dentro. Qualquer toca de bicho do mato, qualquer ninho de joão-de-barro, vale mais que um casebre de caboclo.”

O Visconde quer “criar casas de ciências para o aproveitamento dos meninos que mostrarem vocação para os altos estudos. E mais tarde poderemos criar uma universidade como a de Harvard.” Dona Benta reforça: “Aprovado! Senhor Visconde. Fica desde já nos nossos planos a criação da Universidade de Sabugosa da qual o nosso viscondinho será o primeiro reitor e o professor de geologia.”

Faltava Emília: “E eu acho que poderemos atacar um problema em que ninguém ainda pensou: a domesticação das formigas...” “Todos olham para a boneca, muito espantados.” Ela desenvolve a idéia e no final conclui:

> “Asneira! Asneira! Acham asneira tudo quanto eu falo – mas nos momentos de aperto quem salva a situação é sempre a asneirenta. Só uma coisa eu digo: se eu fosse refazer o mundo ele ficava muito mais direito e interessante do que é. Os homens são todos uns sábios da Grécia, mas o mundo anda cada vez mais torto. Juro que com isso que chamam asneira eu transformava a terra num paraíso...
>
> Dona Benta ficou pensativa. Quem sabe se Emília não tinha razão.”

Emília é o espanto que leva ao pensamento, é a “Independência ou Morte!”, é o próprio Monteiro Lobato.

Ilustração de Belmonte

Segundo Alice Mitika Koshiyama em *Monteiro Lobato, intelectual, empresário, editor:*

"Divergir de Lobato é um comportamento perfeitamente lobatiano. Pois o escritor Monteiro Lobato via nos livros pontos inspiradores para novas interrogações, nunca instrumentos de imposição de juízos definitivos: "Um livro é uma ponta de um fio que diz: 'Aqui parei; toma-me e continua, leitor'; Platão pensou até aqui, toma o fio do seu pensamento e continua, Spinoza" [30]

O Poço do Visconde é a utopia que poderia ter acontecido de verdade e ter-se tornado história, mas que a pressão da realidade transformou em literatura.

[30] Alice Mitika Koshiyama. *Monteiro Lobato, intelectual, empresário, editor*. São Paulo, Edusp, Com-Arte, 2006. Pg 211.

Lobato acabou sendo preso por causa de seu sonho de ajudar o Brasil. Sofreu muito diante da impossibilidade de realizar por si mesmo seus sonhos. Mas na memória da neta o espírito de Monteiro Lobato é mais forte do que a adversidade. Em *Juca e Joyce: memórias da neta de Monteiro Lobato,* depoimento dado a Márcia Camargos, ela lembra:

> "De vez em quando, durante a ditadura de Getúlio Vargas, e depois dos meses de cadeia, ele contava que tinham mandado incinerar alguns dos seus livros. Ria muito, dizendo que, na realidade, faziam propaganda de graça: "Estão atiçando a curiosidade das crianças com isso." Ele não ficava chateado, dava aquelas gargalhadas gostosas. Vovó dizia: "Juca está feliz hoje. Queimaram os livros dele." [31]

Lobato nunca acreditou no poder da censura, ele fazia uma sátira, lembrando dos chefões de uma cidade do interior que postaram a polícia local em algum lugar com ordens de impedir que o bacilo de uma doença entrasse na cidade:

"A censura ao pensamento, observa, é cerca de taquara. Idéias são ondas hertzianas. Não há Polícia capaz de cercá-las. Elas passam com as brisas." (Cavalheiro, pg. 320)

Como dizia Yehudi Menuhin, músico:

"Se eu tivesse de resumir o século XX, diria que despertou as maiores esperanças já concebidas pela humanidade e destruiu todas as ilusões e ideais."

"Loucura? Sonho? Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira – mas já tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum." [32]

---

[31] Márcia Camargos. Juca e Joyce: *Memórias da neta de Monteiro Lobato Depoimentos a Márcia Camargos*. São Paulo, Moderna, 2007, pg. 47

[32] Monteiro Lobato. *Miscelâneas.* São Paulo, Brasiliense, 1956, 7º edição, pg.178 em http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/citação.html

CAPÍTULO V. A TV PIONEIRA

Como já vimos, *Os Três Ursos,* de Tatiana Belinky foi a peça de estréia da televisão para crianças no Brasil no natal de 1951. Tratava-se da história de *Cachinhos Dourados e os Três Ursos.*

Em 1952 o diretor de teatro Ruggero Jaccobbi, que tinha feito o cenário para a apresentação de *Peter Pan* no Teatro Municipal, se torna diretor artístico da TV Paulista. Era um canal de TV ainda em fase experimental, e ele convidou Júlio Gouveia e seu grupo de teatro para apresentarem um ou dois espetáculos para crianças. Júlio Gouveia adaptou as duas primeiras histórias do livro *Reinações de Narizinho: A Pílula Falante* e o *Casamento da Emília*. Disseram-lhes para representar simplesmente, sem se preocupar com as câmeras, que isso era problema da equipe técnica. A maior parte do pessoal que trabalhava na TV nessa época vinha do rádio, e tinha a agilidade própria daquele veículo, que também era ao vivo. Mas tinha um problema: o rádio não tinha imagem, então no início da TV eles colocavam os microfones diante das pessoas e elas liam ou falavam o texto.
Quando o TESP apresentou as histórias de Monteiro Lobato, as pessoas ficaram encantadas, pois ali havia representação de corpo inteiro!

Pouco tempo depois foram convidados para a TV Tupi- Difusora de Assis Chateaubriand, a pioneira, inaugurada em 18 de setembro de 1950. Quando Tatiana começa a escrever as adaptações de livros para a televisão ela já tem a experiência do período em que ela, Júlio Gouveia e o TESP fizeram teatro para as crianças em São Paulo. Foi uma escola de convivência próxima com o público de crianças, de observação do que era certo, do que funcionava para este público específico.

Edgard Cavalheiro menciona em 1956:

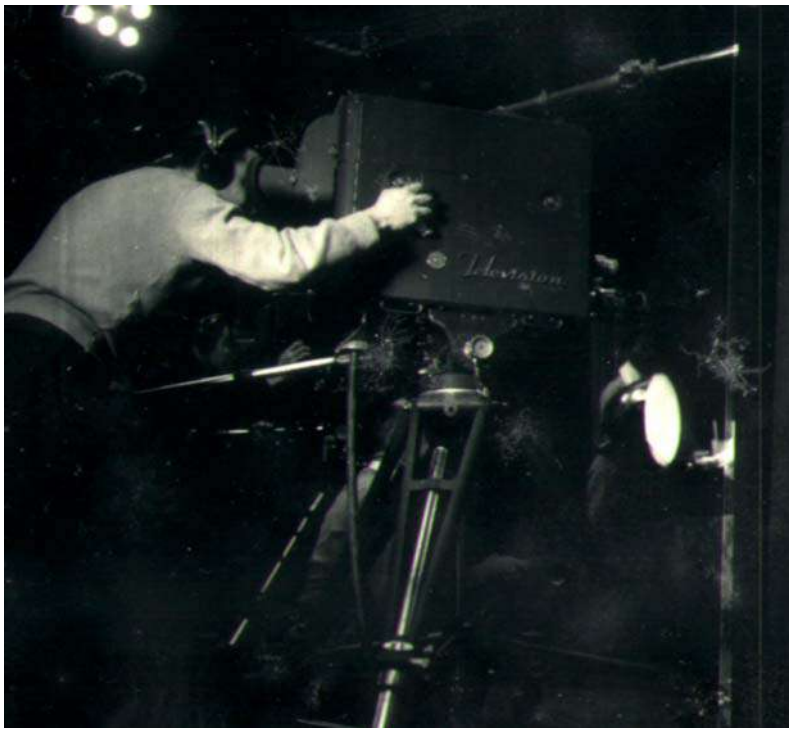
> "Das mais interessantes, no entanto, são as adaptações que para a televisão paulista tem feito Tatiana Belinky, adaptações que um grupo dirigido por Júlio Gouveia transformou em inesquecíveis espetáculos para a petizada... e também para os adultos. Duas dessas adaptações, "A Pílula Falante" e "O Casamento de Emília", foram gravadas pela Casa Odeon, num disco long-playing." [33]

[33] Edgard Cavalheiro. *Monteiro Lobato, Vida e Obra* ,vol I e II. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1956, pg.274, vol. II.

Estas duas adaptações do livro *Reinações de Narizinho: A Pílula Falante* e o *Casamento da Emília* foram feitas por Júlio Gouveia, depois a roteirista passou a ser Tatiana Belinky. As gravações trazem a voz de Júlio Gouveia narrando e Lúcia Lambertini representando Emília.

O depoimento que Tatiana Belinky dá na apresentação do livro *Sustos e Sobressaltos na TV sem VT e outros momentos* é muito claro ao descrever o trabalho a partir dos "bastidores": Lá ela diz que a TV dos anos 50 era ao vivo como teatro mesmo, e em preto e branco. Eram segmentos de cerca de quarenta minutos de duas minisséries , mais o *Sítio do Picapau Amarelo* e um "teatrão" completo aos domingos, de uma hora e meia. Não havia intervalos comerciais e apenas um patrocinador por programa. Ela já conhecia muitas histórias da boa literatura brasileira e estrangeira, que era critério básico de qualidade, e o objetivo era o de promover o livro e a leitura. Mas era um trabalho imenso! "Mais vale a prática do que

a gramática!" Escrever o texto, o roteiro, o script adaptado para a televisão, copiá-lo no mimeógrafo a álcool, distribuir as cópias para todos os participantes: atores, diretores, iluminadores, cenógrafo, sonoplastas. Depois fazer a leitura coletiva, decorar, ensaiar e no dia seguinte fazer a transmissão direta sem erros, se possível. Eles tinham muito profissionalismo, e ao mesmo tempo muita capacidade de boa improvisação. Como todos tinham de estar atentos entre si para resolver qualquer imprevisto, existia muito jogo dos atores uns com os outros e com os técnicos, muito trabalho de equipe e senso de responsabilidade.



Camera man transmitindo o *Sítio do Picapau Amarelo* ao vivo

> "Outra coisa indispensável era uma enorme dose de criatividade. Os recursos técnicos ainda eram poucos e rudimentares, se comparados aos atuais: três grandes e pesadas câmeras e uma grua, ou "girafinha", no estúdio, tinham de dar conta de todas as mudanças de cena, superposições, trucagens, e o mais que houvesse. A mesa de *switch* não tinha nada de parecido com a parafernália tecno-eletrônica de hoje. O sonoplasta segurava na mão o *pickup* do toca-disco e soltava a agulha no sulco exato, no momento exato "daquele" ruído, ou "daquele" efeito sonoro, ou "daquele" acorde ou "daquela" música...E é preciso lembrar que uma programação infantil tinha necessàriamente muita magia, muita trucagem, muita coisa bem mais complicada do que o teleteatro para adultos.

> Tínhamos de inventar coisas ”do arco da velha” e o melhor é que elas funcionavam mesmo, sempre. Bem, quase sempre. Houve imprevistos, sim, não muitos, mas houve, uns engraçados, outros dramáticos.” [34]

Dá para sentir que o clima era de muita agilidade, herdado do rádio, que foi o precursor da televisão. Uma das histórias que ela conta, é a dos atores de teatro convidados de vez em quando para fazer um papel. Eles tinham um ritmo diferente e decorar tudo muito rápido às vezes “dava um branco”. Então um deles descobriu um jeito: continuou movendo os lábios, e todo mundo em casa pensou que fosse falha técnica, que havia mesmo muitas naquela época.

Eles tinham um lugar de encontro e de ensaio que era um casarão da família Gouveia no bairro da Liberdade que não podia ser vendido nem alugado e só dava despesas, então foi apelidado de “Elefante Branco” e passou a ser a sede do Teatro Escola de São Paulo:

> “Encimando o portão de entrada do jardim, uma grande placa desenhada pelo artista plástico Berco Udler mostrava o símbolo do TESP: as máscaras de dois elefantinhos. Uma delas era a do “susto”, equivalente infantil da Tragédia, a outra, a da Comédia, “num riso aberto”, elefantino, como definiu Tatiana Belinky. Esses programas, no início, eram simples. A duração de cada apresentação não ultrapassava os vinte e cinco minutos, exceto as de *Era uma vez...*que chegavam a levar uma hora e meia. As peças necessitavam de poucos atores e um ou dois cenários. Os figurinos eram alugados na Casa Teatral ou confeccionados no próprio TESP. Jornais e revistas não poupavam elogios à magia e ao sentido construtivo e educacional dos programas. Em poucos meses, o público infantil (e também o adulto) defrontava-se – não raro pela primeira vez – com as *fábulas de Esopo, Fedro, La Fontaine, Krylov* ou do nosso folclore; acompanhava a turma do *Pica-Pau Amarelo* em mirabolantes aventuras nas terras do sítio de Dona Benta, no reino de Águas Claras, no País da Gramática, na Grécia antiga ou na Roma de Nero; e assistia encantado à teatralização de conhecidas histórias, tais como *Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, Rapunzel, A bela adormecida, O gato de botas, Branca de Neve e os sete anões, Cinderela, O mágico de Oz, O Mata Sete, Rumpelstiltskin, O rouxinol do imperador da China, Copelia e O rouxinol e a rosa. Os nomes dos Irmãos Grimm, Charles Perrault, LF. Baum, Hans Christian Andersen, Hoffmann, Oscar Wilde e vários outros autores tornavam-se familiares aos espectadores dos 8 aos 80 anos.* Em poucos

[34] Tatiana Belinky. *Sustos e sobressaltos na TV sem VT e outros momentos.* São Paulo, Paulinas, 2006, apresentação.

meses, o público infantil (e também o adulto) defrontava-se – não raro pela primeira vez – com as *fábulas de Esopo, Fedro, La Fontaine, Krylov* ou do nosso folclore; acompanhava a turma do *Pica-Pau Amarelo* em mirabolantes aventuras nas terras do sítio de Dona Benta, no reino de Águas Claras, no País da Gramática, na Grécia antiga ou na Roma de Nero; e assistia encantado à teatralização de conhecidas histórias, tais como *Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, Rapunzel, A bela adormecida, O gato de botas, Branca de Neve e os sete anões, Cinderela, O mágico de Oz, O Mata Sete, Rumpelstiltskin, O rouxinol do imperador da China, Copelia e O rouxinol e a rosa. Os nomes dos Irmãos Grimm, Charles Perrault, LF. Baum, Hans Christian Andersen, Hoffmann, Oscar Wilde e vários outros autores tornavam-se familiares aos espectadores dos 8 aos 80 anos.*

Com o tempo e a experiência os projetos tornaram-se mais ambiciosos, sobretudo os espetáculos de *Era uma vez...,* e posteriormente, do *Teatro da Juventude,* resultando em produções como *Guilherme Tell, Ester, Os dez mandamentos, José no Egito, Sansão, Sol esplêndido, Cristóvão Colombo, As aventuras de Tom Sawyer* e até mesmo *Timão de Atenas,* de William Shakespeare. *Fábulas Animadas,* por sua vez, voltou-se para a novelização de alguns clássicos da literatura infanto-juvenil: *As aventuras de Pinocchio,* de Collodi (1954-1955), *Peter Pan*[35] e *Heidi*, de Johanna Spyry (1956). Com *Pollyanna,* de Eleanor H. Porter (1956-1957), o programa passou a ser anunciado apenas como Novelinha. Seguiram-se *O pequeno lord,* de F.H.Burnett (1957-1058), *Pollyanna moça,* também de Eleanor H. Porter (1958), *Nicholas (O jardineiro espanhol),* de A.J. Cronin (1958-1959), *Angelika, de* H.E. Seuberlich (1959), *O jardim encantado,* de F.H. Burnett (1959-1960), e outros." [36]

"Entre as adaptações e textos originais, Tatiana Belinky escreveu nessa época cerca de 1500 scripts." [37]

Sonika Bo, a maior autoridade da época em cinema para criança impressionou-se com a beleza e o bom gosto dos espetáculos. Confessou que eles superavam a tudo que já vira e ela vira muito, em vários países, mas disse que estas representações eram inigualáveis pelo conteúdo ético, riqueza de vestiários e cenários.[38]

---

[35] De J.M.Barrie

[36] Flávio Luiz Porto e Silva. *Revista da FAAP,* setembro/outubro sd

[37] Nelly Novaes Coelho, *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira,* São Paulo, Edusp, 1995, pg.1081

[38] Recorte de *Era uma Vez,* reportagem de Chico Vizzoni.

David José, que foi um dos primeiros Pedrinhos do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* na TV Tupi, defendeu tese de doutorado sobre *O Espetáculo da Cultura Paulista: Teatro e TV em São Paulo* e escreve que em setembro de 1953 os jornais *Diário de São Paulo* e *Diário da Noite* lançam um suplemento que contém um depoimento de Júlio Gouveia:

> "A PRF-3TV é a pioneira do teatro para crianças na América Latina (...) Mas não é somente a pioneira. É também a recordista. Pois, desde o Natal de 1951, data do primeiro teatro para crianças na TV, com a peça *Os três ursos*, de Tatiana Belinky, foram apresentadas na Tupi exatamente 245 peças para crianças, em três programas semanais, o *Fábulas animadas* (às quintas-feiras, 07:00 horas da noite), o *Era uma vez...(Teatro da juventude,* aos domingos, às 10:00 horas da manhã) e a teatralização das histórias infantis de Monteiro Lobato, o *Sítio do Pica-Pau Amarelo.* Foram 245 peças, em apenas 19 meses!" [39]

O clima que se sente nesse início da TV é de muito envolvimento entre os participantes, é um jogo vivo, onde se ensaia muito e representa a sério, mas onde a boa improvisação está sempre presente.

A TV Tupi dos anos 50 com o TESP era um encontro marcado com hora certa, que todos esperavam para compartilhar de novas aventuras com a "turma", o que lhes dava imenso prazer.

Um desafio sempre novo, a cada capítulo ou história, e as soluções sendo criadas por toda a equipe, com muita imaginação, seja como filmar o reino das águas claras, seja fazendo Moisés andar pelo mar que se abre diante dele!

A agilidade dessa jovem TV brasileira não tem paralelo no mundo!

A platéia em casa vibra junto e sente a vitalidade do jogo entre os atores e a adrenalina no ar!

"Só fizemos o que fizemos porque ninguém disse ser impossível!", disse Tatiana.

[39] David José Lessa Mattos. *O Espetáculo da Cultura Paulista: Teatro e Televisão em São Paulo* (décadas de 1940 e 1950). Códex, São Paulo, 2002, pg.227.

Emília e a expressão de “susto”

Tia Nastácia e o sorriso

Narizinho

Júlio Gouveia e a turma toda

CAPÍTULO VI. O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

Tatiana conta em uma saborosa crônica chamada *Lobato e o rei*, no livro *Bidínsula e outros retalhos* como conheceram Monteiro Lobato. É a partir de um artigo que Julio Gouveia publica sobre Lobato que este telefona para sua casa e Tatiana atende, achando que é trote. Diz que se lá é Lobato, aqui é o rei George, e a história ficou para a história. A crônica mostra a relação de profundo respeito e admiração que existia entre eles e como isso marcou depois o trabalho de Tatiana Belinky e Julio Gouveia na TV.

Quando se vê as imagens do *Sítio do Picapau Amarelo* daquela época, a varanda do sítio parece estar de frente ao espectador, e é apenas o vidro do aparelho de televisão que separa os atores do lado de lá de nós espectadores do lado de cá, dá uma sensação de proximidade, de igualdade, de prazer em compartilhar da mesma brincadeira no mesmo tempo do relógio.

O imaginário é respeitado, e as raízes profundas nos contos de fadas, no folclore e na terra do sítio com seus brinquedos de chuchu com palitos, de sabugo com palha e boneca de pano se aliam à necessidade de conhecimento e descoberta de novos horizontes. A inteligência da criança é respeitada por esse triângulo formado pelo criador da literatura brasileira para crianças, Monteiro Lobato, pelo médico, diretor e ator Julio Gouveia e por nossa brilhante roteirista Tatiana Belinky.

Vejamos o começo de “A Pílula Falante” conforme escreve Ricardo Gouveia na contracapa de *Mas esta é uma outra história...*

“Numa casinha branca, lá no Sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha com mais de 60 anos. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de

costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue o seu caminho, pensando: "Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...".

Essas palavras, as primeiras do livro *Reinações de Narizinho,* marcaram a estréia da primeiríssima adaptação para a TV do Sítio do Picapau Amarelo, apresentada ao vivo na extinta TV Tupi de São Paulo, canal 3 (depois 4), onde a série permaneceu por mais de uma década."[40]

Dona Benta na varanda

Alberto Guzik participou da primeira montagem do Peter Pan quando era criança e escreve seu depoimento no Jornal da Tarde:

> "Mas isso é uma outra história, que fica para uma outra vez... Todos os paulistanos que andam pela casa dos 40 ou 50 anos haverão de se lembrar dessas palavras. Ao dizê-las, fechando um grande livro encadernado (nada

[40] Júlio Gouveia. *Antologia de Peças Teatrais: Mas esta é uma outra História*...adaptação de Júlio Gouveia: organização e apresentação de Tatiana Belinky. São Paulo, Moderna, 2005, contracapa.

havia escrito nele, era um objeto cenográfico que ocultava folhas de script), Júlio Gouveia concluía os capítulos do *Sítio do Picapau Amarelo*, adaptação dos romances infantis de Monteiro Lobato que ele apresentava na TV Tupi.

Isso foi a partir de 1951, nos tempos heróicos da televisão ao vivo e em preto e branco. Nessa época, o médico psiquiatra Júlio Gouveia, nascido em 1914, era um dos rostos mais populares da cidade... Sua face simpática aparecia no vídeo no início da noite, apresentando o *Sítio*... Com sua mulher, Tatiana Belinky, ele inventou os programas infantis da TV brasileira. Foi um dos pioneiros que estabeleceram os primeiros padrões dessa linguagem. Padrões bem distantes desses que hoje determinam o comportamento das Xuxas e Angélicas de plantão.

Com uma excelente dramaturgia e ótimos atores, Júlio Gouveia e Tatiana Belinky faziam na televisão um teatro que respeitava a criança, não a tratava como um mero consumidor dos produtos anunciados nos comerciais. Havia no trabalho do casal outro conceito, o da educação por meio da arte. E o que faziam era arte, da melhor qualidade. (grifo nosso)

Ele chegou à televisão pelo caminho do teatro. Nos anos 40 começou a interessar-se pelo jogo teatral, em que via um instrumento útil para seus pacientes. Da terapia pelo teatro, ele passou ao teatro propriamente dito. Estreou como ator em 1948, no Teatro Brasileiro de Comédia, em um espetáculo para adultos, *A Noite de 16 de Janeiro*, produzido e interpretado por um jovem e talentoso amador, ninguém menos que Paulo Autran...

O Tesp foi tão pioneiro no teatro para crianças quanto na televisão. Júlio Gouveia e Tatiana Belinky merecem também esse título, ao lado de Lúcia Benedetti, primeira dramaturga a escrever para crianças brasileiras. Os criadores do Tesp ràpidamente conquistaram o público.

O trabalho impôs-se de tal forma que, quando Assis Chateaubriand criou a TV Tupi, ambos foram convidados a fazer nos estúdios do Sumaré o que já faziam nos palcos da cidade: o melhor teatro para crianças."[41]

Importante lembrar que Júlio Gouveia nunca aceitou assinar contrato, eles eram free lancers durante os doze anos do *Sítio* na Tupi, porque não queriam se prender, caso não fossem respeitados em sua liberdade de criação.

[41] Alberto Guzik, *Jornal da Tarde*, São Paulo, 12/01/1999.

Júlio Gouveia em frente ao cenário

Júlio Gouveia ensaiando com Emília

Casamento de Emília com Rabicó I

Casamento de Emília com Rabicó II

Cena de Pinóquio

Cena do Circo dos Escavalinhos I

A foto da montagem dessa época mostra um cenário que lembra um jogo dramático feito pelas crianças com alguma cortina antiga criando um circo de faz de conta. Pedrinho é o domador de alguma fera e Dona Benta e Tia Nastácia assistem.

Quem assiste a TV está dentro do circo, a perspectiva é de que a lona nos cubra a todos, estamos sentados frente a frente com Dona Benta e Tia Nastácia assistindo Pedrinho domar a fera. Estamos dentro da roda, do círculo de jogo e participamos também da brincadeira.

A representação dos atores é espontânea, próxima, inspira o espectador a brincar também e assim criar seu próprio circo sozinho ou com os amigos, e a imaginação fica enriquecida por temas que levam ao sonho e à arte.

Cena do Circo dos Escavalinhos II

Liba Frydman, repórter do jornal *A Gazeta* escreve um artigo em 1 de dezembro de 1958 sobre o *Sítio do Picapau Amarelo* onde ela traz um pouco do clima de uma transmissão ao vivo. Ela conversava com Júlio Gouveia no estúdio onde estava a turma do *Sítio,* que nessa época era composta por Lucia Lambertini representando a Emília, Hernê Lebon o Visconde de Sabugosa, Benedita Rodrigues a Tia Nastácia, Edi Cerri a Narizinho, David José o Pedrinho e Suzy Arruda a Dona Benta. Os cenários criados por Alexandre Korowaiczik e sua equipe eram um dos fatores do sucesso do programa. Os atores já devidamente maquilados por Barry e vestidos por Zelina Soares, esperavam apenas o sinal da campainha dado pelo diretor de TV Antonino Seabra, para iniciar o programa. Estava presente o diretor de estúdio Henrique Canalles. Eles chamavam Júlio Gouveia em altas vozes, mais um minuto e seria dado o sinal para o início do programa e eles queriam ainda um detalhe para o que realizar em cena. A luz vermelha das câmeras se acendia e Júlio Gouveia tomava seu lugar diante de uma estante de livros – cenário, é claro – onde fazia, desde que o horário foi lançado, uma pequena narração para ajudar a compreensão dos espectadores. O *Sítio do Picapau Amarelo* prosseguia com os atores. Emília, como sempre não dava sossego a Narizinho e Pedrinho e D. Benta, chamada a intervir, conversava com eles enquanto Tia Nastácia, lá da cozinha, chamava todos, pois estava na hora do lanche. A atmosfera era a mesma das histórias lobatianas. Nessa época o *Sítio do Picapau Amarelo* era um programa que conseguia o recorde de manter-se no ar por cinco anos consecutivos, muitas vezes sem patrocínio comercial! O patrocínio aparecia na mesa da cozinha na hora do lanche, sem interrupção do programa.

Havia também o *Sítio do Picapau Amarelo* no Rio de Janeiro sob direção artística de Maurício Scherman, com os textos de Tatiana e Emília era representada por Lúcia Lambertini lá também. Era igualmente um dos programas de maior audiência.

Depois de cinco anos todas as estórias já tinham sido contadas, assim eles descansaram o *Sítio* por dois anos e depois Cândido Fontoura, que foi grande amigo de Monteiro Lobato, consultou Julio Gouveia sobre a possibilidade da volta do programa. Considerando que já se havia passado tempo suficiente para a formação de nova geração de espectadores que precisavam conhecer a obra do grande escritor que é Monteiro Lobato, o grupo resolveu reencenar tudo o que já havia feito,

desde a primeira história, com os mesmos atores que haviam tomado parte nas peças anteriormente.

> "É preciso ressaltar que a família de Monteiro Lobato aprovou integralmente todo o trabalho de Júlio Gouveia e seu grupo, considerando que o espírito do compositor continuava vivo. É muito provável que se ainda vivesse, trabalharia em estreita colaboração com Tatiana Belinky, de certo modo continuadora de sua obra, pois quando as obras possíveis para o vídeo se esgotaram, a adaptadora não titubeou, criando com os mesmos personagens novas histórias com o mesmo estilo e o mesmo espírito do falecido escritor. Por exemplo, Lobato escreveu "Emília no País da Gramática", e Tatiana escreveu "Emília no País da Lógica", exatamente como se fosse uma continuação." [42]

E a repórter conta como o programa já terminado, com um pé na porta para sair, Julio Gouveia não se furtava ao prazer de contar o que foi considerado pelo grupo todo uma grande piada:

> "Todos os personagens tomavam um copo do produto patrocinador no meio do programa, diante das câmeras, e sempre faziam uma aposta para ver quem bebia mais depressa. Um belo dia, o Visconde de Sabugosa, que nesse tempo era interpretado por Luciano Maurício (...) decidiu por sal na bebida que Pedrinho, Narizinho e a boneca Emília deveriam tomar. David José, Edi Cerri e Lucia Lambertini não puderam disfarçar a primeira careta, mas depois ingeriram corajosamente o resto da bebida, lançando olhares assassinos em direção ao visconde, que nesse dia muito sofreu nas mãos dos outros personagens de Monteiro Lobato..." [43]

As reinações faziam parte do dia a dia e cada capítulo devia ser uma nova aventura, que Tatiana conta em *Sustos e sobressaltos na TV sem VT, dizendo que*: "E era tudo feito perigosamente "ao vivo", sendo que em geral tudo corria bem, graças, acho eu, à proteção de santa Clara, padroeira da televisão". (pg. 9)

Filmar o reino das águas claras de *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato através de um aquário deve ter sido uma descoberta fascinante.

Eles pararam de fazer TV quando o processo industrial se impôs de tal forma que tornou inviável seu trabalho artesanal. A TV com VT é uma outra história...

---

[42] Liba Frydman, *A Gazeta,*1/12/1958
[43] Idem

ÁLBUM DE IMAGENS

Combinando a próxima aventura

Cenas com Tia Nastácia, Pedrinho, Narizinho, Anjinho e Emília

O pulo que a Emília dá com a peneira para pegar o saci

E a bronca de Tia Nastácia

Dois Sacis

Conversando com Tio Barnabé

Seqüencia de aventura com o Visconde

Muitas bandeiras

Cena com muitas crianças

CAPÍTULO VII. JORNALISMO

Desde 1958 até pelo menos 1962, Tatiana escreve regularmente uma coluna de crônicas chamada “Nossa Vida com a TV”, no Diário de São Paulo em uma seção de TV – Rádio. É muito interessante porque acompanha o dia a dia da TV e levanta questões sobre a função do veículo quanto à qualidade, fala do teleteatro aqui no Brasil e no exterior, conta do seu crescimento e depois dos problemas quanto à perda de espaço de um pessoal altamente qualificado e brasileiro na linguagem de TV para os filmes americanos dublados. Consideramos que a primeira dessas crônicas do primeiro ano da coluna, de março de 1958, equivale a um depoimento sobre os primeiros anos da televisão. Vamos, portanto, transcrevê-la com suas próprias palavras:

Criança e TV nos anos 50

> “Coisa muito séria, a TV em minha vida. Faz uns seis anos, ela entrou pela minha porta – entrou, instalou-se e ficou “veni, vidi, vinci”. A TV é assim mesmo, entra e toma conta. E fica fazendo parte da vida da gente, dentro da casa da gente, no meio da família da gente, num fenômeno benigno de “coexistência pacífica”. Foi assim comigo, e é assim com você também, não é verdade?

No começo, houve quem quisesse desfazer da TV, tentando diminuir-lhe a importância, negar-lhe o alcance, menosprezar-lhe a penetração em extensão e profundidade. Hoje a coisa já mudou de figura, e as mesmas pessoas que ontem faziam pouco da TV, têm agora o seu televisor instalado em lugar de honra na sala de visitas, ou então sobre mesinha de rodas, para poder levá-la de um lado para outro, a fim de não perder um programa favorito na hora das refeições. E agora, também eles já podem falar da "TV em sua vida". Não podem ignorá-la nem mesmo aqueles que não possuem televisor (ainda).

Também, pudera! Ignorá-la, de que jeito? Com 250 mil aparelhos receptores instalados só em São Paulo e arredores – com uma média de três espectadores por aparelho – Já imaginaram que auditório é este? Qualquer veículo de divulgação que atinge uma audiência assim, é nada menos que uma potencia. E uma potencia tem que ser respeitada. Nenhum político, no maior dos comícios, nenhum ator, no maior dos teatros, nenhum esportista, no maior dos estádios, jamais teve um público assim... E pensar que a TV, entre nós, tem pouco mais de seis anos, está engatinhando ainda, ainda vai crescer muito, seu público vai aumentar, decuplicar, centuplicar!

Sim, senhores. A TV é um gigante, um colosso de força enorme, descomunal. Se este colosso é bom ou mau, isto já é outro problema. A TV é um robot, um gigante sem vontade própria. Será tão bom ou tão mau, tão construidor ou tão destruidor, tão positivo ou tão negativo, como as mãos que o manejam – pois que não passa de um instrumento.

E vai daí, surge o problema da responsabilidade. A responsabilidade imensa dos "donos" da TV: os diretores comerciais e artísticos, os patrocinadores, os produtores, os escritores – todo este grande grupo humano que "põe no ar" um programa.

Como força educacional (no sentido mais amplo do termo, isto é, educar é transmitir alguma coisa, seja ela boa ou má, certa ou errada) – como força educacional, a TV é a maior na história da humanidade. Por ser simultaneamente vista e ouvida, por estar dentro da nossa própria casa, por transmitir coisas que "estão acontecendo" no próprio momento da transmissão, o seu impacto é maior que o do teatro, do rádio e até mesmo do cinema - que é outro "veículo de massas". Sim, porque a TV é a hóspede permanente do lar e pode ser ligada a qualquer hora, mesmo pela mão de uma criança – e lá está esta criança exposta à influência "educacional" direta e imediata do que ela ouve e vê. Será preciso dizer mais da responsabilidade – perante a infância e a juventude, perante a família, a sociedade, o próprio país – daqueles que fazem TV?

> Entretanto, existe mais um grande responsável, para repartir este peso com os que fazem TV. Não – é o censor. Não é o Juiz de Menores. Não é nem mesmo a Lei, que pode muitas vezes ser contornada. O segundo grande responsável é o Público. Com P maiúsculo, sim, porque me refiro ao público melhor, o público consciente. É a este público que cabe a última palavra. É a ele que cabe aceitar ou recusar, sugerir e repelir, aprovar ou desaprovar o que se faz na TV. E não diga que ele não pode fazer isso. Pode sim. Porque o público é o "freguês" da TV. E o freguês é quem manda.
>
> E já que a TV está aqui para ficar, e já que nós estamos vivendo com a TV – e isto é um fato – façamos com que "A TV em nossa vida" seja uma coisa repousante e boa, que diverte e que instrui, que desenvolve e que educa – a criança e o adulto, o indivíduo e o cidadão – e façamo-lo honestamente, conscientemente, de ambos os lados: o nosso, cá de dentro, e o de vocês, aí de fora."[44]

E esse dedinho da criança ligando a TV merece programação de qualidade. Quando se observa uma criança de dois anos assistindo uma TV cientìficamente construída para ela, Teletubbies, por exemplo, dá para observar como a informação que ela recebe constrói a sua inteligência, a sua motricidade, a sua emoção, a sua linguagem. A programação da TV Cultura, das televisões educativas e dos canais de TV de Qualidade além de informar e distrair educam no bom sentido.

E fica muito claro o contrário disso, a TV que não se importa, deseduca e só vê na criança o consumidor. Um filme tragicômico mostra uma pessoa que tenta comprar tudo o que a TV diz para ela comprar, só que ela nunca dá conta do recado e fica eternamente frustrada. É esse o efeito nocivo e anti ecológico da má TV, levando ao que estão chamando de hiperconsumismo.

Ainda do mesmo período dos anos 50 e 60 há também uma coluna chamada "Por falar em TV" de um periódico judaico. E outra que se chama "Crônica".

E agora vamos começar a falar das atividades de Tatiana como um todo, depois da TV pioneira.

Em 1972 ela passa a trabalhar como cronista, articulista e crítica de literatura infanto- juvenil e de teatro para a TV Cultura e os jornais Folha de São Paulo, Jornal da Tarde e Estado de São Paulo.

Há pastas de recortes de críticas de teatro e literatura infanto-juvenil que Tatiana Belinky escreveu em vários jornais e revistas. Na verdade, segundo ela, não

[44] Crônica de Tatiana Belinky*, Nossa Vida na TV,* Diário de São Paulo, 1 de março de 1958.

se tratava de críticas pròpriamente ditas, mas de comentários de peças ou resenhas de livros que ela escolhia porque lhe agradavam e eram recomendáveis. Era mais como um guia para pais, professores, crianças e jovens se orientarem na procura de uma leitura de qualidade e prazer. Mas as próprias críticas formam um retrato de época tão saboroso, e trazem tanta informação que mereceriam se tornar livros também.

No Jornal da Tarde ela escrevia sobre literatura e Clóvis Garcia sobre teatro para crianças.

Há inúmeras publicações de Tatiana em revistas, inclusive das editoras, que são muitas e em todos os veículos de comunicação. Vamos apenas dar algumas pequenas amostras para ilustrar o diálogo dela com os leitores:

> "O visual é importante. Para a criança, em particular, uma apresentação bonita é meio caminho para o interesse pelo texto – ou mesmo pela história com pouco, ou até nenhum texto. (Mas cá entre nós, se conduz a um texto, tanto melhor.) Então, vou falar hoje de alguns livros bonitos... **O Jardim dos animais** – de Ronald Claver – Ilustr. Ana Raquel – FTD- Já indiquei este livro entre as recomendações para leitura de férias, mas não custa reiterar a recomendação: o livro merece..."Bichos e liberdade se entrelaçam e se confundem...assim também será possível entrelaçar liberdade e esperança...de que o homem de hoje preserve o futuro da criança que está a seu lado."...As ilustrações – "mixed media", desenho, foto, colagem – são originais, sugestivas e dignas do texto. Beleza! Eu não disse que ia falar de livros bonitos?" [45]

As "críticas" de Tatiana são um colóquio de alguém que leu os livros e assistiu as peças e conta para nós leitores via jornal do que se trata. Geralmente ela escolhe as melhores e deixa o que é ruim de lado. É um guia para pais e professores, jovens e crianças, do que é bom e faz bem.

Mais um "gostinho":

> "Alguns livros divertidos para a criançadinha que já sabe ler – e também para serem lidos para as menores, como este, por exemplo:
>
> **Paquito e Pepita,** de Cristina Porto, da Coleção Girassol, Editora Moderna. A história é toda contada em quadrinhas de sete sílabas, as preferidas das crianças de muitos países e línguas. E começa assim: "Paquito é o papagaio/do padeiro, seu Pinheiro. Pendurado em seu poleiro/Papagueia o dia inteiro". E após algumas peripécias, que passam

[45] *Jornal da Tarde*, 7/1/1989.

> por muitas palavras que começam com a letra "P", o papagaio Paquito acaba casando com a papagaia Pepita, ficando o casal com o padeiro, e tendo três papagainhos – a julgar pela ilustração engraçada de José Carlos Martinez. E há um encarte, com sugestões para atividades em torno do livrinho, desde colorir os desenhos em preto e branco até um "labirinto", passando por brincadeiras com rimas e palavras cruzadinhas. Ao que peço vênia para apresentar mais uma sugestão: repetir as quadrinhas na "língua do pê". Por exemplo, o título do livro ficaria assim: "Papaquipitopo epê Pepepipitapa". De "Crispistipinapa Poportopo" – naturalmente." [46]

Era muito divertido abrir o jornal e dar com esses achados, essas brincadeiras, e depois ir a alguma livraria e saber o que procurar.

Como este:

> "**Imarcescível" –** Poemas de Fernando Pessoa – ilustrados em aquarela pela artista plástica e publicitária Luci Sciascia Cruz, é um livro que "foi impresso a quatro cores, em papel couché e capa dura. O projeto gráfico é do editor Massao Ohno - o dos livros bonitos e bem-cuidados – responsável pela seleção das imagens. Ao todo 23 aquarelas. A execução é da Editoração Publicações e Comunicações Ltda.
>
> Como se vê, trata-se de um livro de arte, um verdadeiro álbum. O projeto é da própria ilustradora, a artista, que é quem lança o livro, com os textos selecionados por ela mesma, "a partir de poemas de Fernando Pessoa, a maior parte do seu heterônimo Alberto Caieiro – 'o guardador de rebanhos', poeta das sensações verdadeiras, da pureza".
>
> O livro é muito bonito. A artista Luci Sciascia Cruz dedica-se há 20 anos á técnica de aquarela, e sua mestria traduz e sugere com diáfana delicadeza a beleza "singela" dos versos do grande poeta. O poeta que é "Alberto, Álvaro, Ricardo.../O que importa.../Se todos foram PESSOA/ Mesmo antes de o ser" – como reza o texto da página que traz o seu triplo retrato."[47]

E esse pedaçinho:

"Como é gostoso ver uma criança que, em dado momento, "saca" a mágica das letras, e percebe, deslumbrada, que de repente aqueles sinaizinhos falam com ela, dizem palavras, evocam objetos que se desenham na imaginação e de repente, não mais que de repente, lhe contam uma história!" (JT, 22/7/89).

Ela fala de livros bons, como de **O Menino Quadradinho** de Ziraldo, que começa com muitas ilustrações e no decorrer do livro vai aumentando o volume de

[46] *Jornal da Tarde*, 30/1/1989.
[47] *Jornal da Tarde*, 1/7/1989.

texto, como as crianças em processo de crescer e amadurecer, e não permanecer Peter Pan na vida. (JT, 16/9/89).

E como ela escrevia sistemàticamente, muitos dos bons e ótimos autores de literatura infantil e juvenil têm resenhas publicadas por ela nesta época.

CAPÍTULO VIII. TEATRO DA JUVENTUDE

Quando termina sua atividade na TV, Tatiana Belinky cria, organiza e dirige o setor de Teatro Infanto – Juvenil da Comissão Estadual de Teatro.

Em julho de 1965 é fundada a revista “Teatro da Juventude” e no número inaugural ela escreve um artigo onde se dirige aos educadores de São Paulo, falando da importância do bom teatro na formação da juventude. Escreve sobre a necessidade de bons textos para que o teatro escolar se desenvolva, e de que sejam adaptados e atualizados à realidade das crianças e jovens que com eles vão trabalhar. Ela quer que a revista seja o veículo de divulgação de textos escritos com essa finalidade.

Nos números 4 e 5, de outubro e novembro de 1965, ela fala dos resultados do trabalho, do número de publicações, das centenas de assinaturas não só da cidade e do estado, mas de outros estados. É um balanço positivo das atividades.

O terceiro texto que ela publica contém um discurso indignado contra o mau teatro infantil e um elogio à montagem de *Romão e Julinha* de Oscar von Pfuhl, uma adaptação de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare.

Escolhemos esses três textos do primeiro ano da revista “Teatro da Juventude” porque colocam questões pioneiras que serão retomadas muitas vezes ao longo do tempo.

A definição do projeto de trabalho da revista, procurando textos teatrais enxutos e bem adaptados à realidade dos grupos teatrais, trouxe uma resposta rápida. O fato de ter sido assinada por centenas de entidades mostra a necessidade que foi suprida pela informação que ela continha. E continua sendo até hoje. No recente Festival Estudantil do SESI ao menos duas peças foram encontradas a partir de pesquisas no Teatro da Juventude. Formou-se um repertório acessível, simples e liberado de direitos autorais, um vasto campo de pesquisa delimitado por critérios de boa qualidade abrindo um leque de escolha para gerações de estudiosos e praticantes de teatro.

A forma de revista permitia também a agilidade de incorporar artigos que respondessem às necessidades e questões do momento, por exemplo a apreciação do que pode ou deve ser feito em teatro infantil em dois artigos de Oscar von Pfuhl e

em um de Júlio Gouveia, além da saudável indignação e feliz admiração que Tatiana Belinky expressa em seu artigo *Romão e Julinha.*

Esse tema, da qualidade do Teatro Infanto-Juvenil, é um *leitmotiv,* um tema recorrente para Tatiana. Acompanha o Teatro da Juventude e está presente no "Prêmio Narizinho" de 1966, prêmio em dinheiro de Cr$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros) dividido em Cr$ 500.000,00, Cr$ 300.000,00 e Cr$ 200.000,00 entre os três primeiros classificados de um concurso de textos de Teatro para a Infância pela Comissão Estadual de Teatro.

A qualidade do teatro escolar também é incentivada através de um "Concurso Permanente de Textos para Teatro Escolar", que tem o "Prêmio Emília" e o "Prêmio Malazarte", dois prêmios mensais em dinheiro de Cr$ 50.000,00 (cinqüenta mil cruzeiros) dedicados aos leitores e assinantes do "Teatro da Juventude", onde todos podem concorrer, sem limite de idade e o vencedor tem o texto publicado no "Teatro da Juventude".

O "Prêmio Emília" é dedicado ao Ciclo Primário e deve ter, segundo o regulamento, *Peça em um ato, de 15 a 30 minutos de duração, para crianças de 6 a 10 anos, para ser representado pelas próprias crianças, na escola,* e o "Prêmio Malazarte", para o Ciclo Secundário, *Peça de um ato, de 20 a 40 minutos de duração, para adolescentes de 11 a 16 anos, para ser representada pelos próprios adolescentes na escola.*

Temas: À vontade: temas escolares, históricos, bíblicos, literários, lúdicos, fábulas, festas nacionais populares, tradicionais, dia da árvore, dia das mães, dia da criança, descobrimento da América, romance, aventura, ficção científica, etc., em original ou adaptação.

A revista é uma forma aberta, que permite diálogo com a redação e troca de figurinhas entre os próprios grupos através das cartas de leitores. Lendo as cartas dos outros fica-se sabendo o que acontece em outras cidades, em outras escolas, clubes ou bibliotecas.

Na Resenha Judaica, de 1de agosto de 1997, ela comenta:

"Inventei a Revista "Teatro da Juventude" que saiu até 72, (e foi) ressuscitada pelo Marcos Mendonça. Quando a relançaram, cumprimentei "o príncipe encantado" Marcos Mendonça que despertou com um beijo a Revista 'Teatro da Juventude'

adormecida há 23 anos.” Em 1987 ela renasce, e depois de alguns anos fecha novamente.

Os cursos ministrados pela CET contribuem também para a melhoria de qualidade de trabalho das pessoas envolvidas com teatro e crianças ou jovens. Dois artigos de Altino Martinez descrevem *A Leitura Teatralizada* em sala de aula neste primeiro ano do “Teatro da Juventude”.

É interessante observar quantos desses elementos vão se compor para dar forma às atividades da Associação Paulista de Teatro para a Infância e a Juventude – APTIJ - a ser fundada em 1978: Banco de Textos, Leituras Dramatizadas e Oficinas, dando um impulso forte de renovação.

Inúmeros artigos são escritos para o *Teatro da Juventude* durante esses anos, inclusive por Maria Alice Vergueiro. Um grande número de peças é publicado, artigos sobre aspectos técnicos do teatro, além de reflexões e inúmeras cartas de leitores. Seria bom que a Revista da Juventude tivesse mais um renascimento, ela faz falta!

CAPÍTULO IX. PEDAGOGIA DO TEATRO

Julio Gouveia fala em teatro e educação em seu ensaio – tese, defendendo o ensino de teatro como matéria curricular em nossas escolas:

> "E há ainda o importantíssimo capítulo do *playmaking*, do "jogo dramático", que deve ser estimulado – deveria mesmo fazer parte do currículo – nas escolas, desde tenra idade, atividade essa na qual as crianças "brincam" suas histórias espontaneamente, mas sob orientação de professores ou de especialistas, e que se constitui em possante auxiliar no desenvolvimento emocional e na socialização da criança."[48]

Tatiana Belinky traduz *O Jogo Dramático Infantil* de Peter Slade, um dos pioneiros do teatro-educação, onde ele defende a mesma idéia:

> "Durante esse tempo, senti que o que eu já percebera anos atrás estava comprovado, isto é, que prevenir é melhor do que curar; e que a introdução de métodos simples de jogo dramático no currículo escolar normal traria um desenvolvimento feliz e natural, com um considerável efeito equilibrador sobre o caráter, a formação da confiança em si mesmo, e a melhoria no rendimento escolar e na aquisição do gosto em geral". [49]

Em 1979 é publicado o livro *Improvisação para o Teatro,* de Viola Spolin, traduzido por Ingrid Dormien Koudela. Ela escreve na nota de tradução que o livro surge como resultado de estudo e experimentação prática e teórica do sistema de jogos teatrais por um grupo de estudantes de pós-graduação em Teatro/Educação da Escola de Comunicações e Artes. E ela escreve sobre as descobertas feitas pela pesquisa prática e teórica na introdução à edição brasileira:

> "Não encontramos mais no livro de Viola Spolin a dualidade entre o espontâneo infantil inatingível para o adulto e a expressão artística como forma inalcansável para a criança. A superação desta dicotomia gera uma nova concepção da atuação no palco. Talvez o maior segredo deste sistema esteja no princípio de que o palco tem uma linguagem própria, que não deve ser violentada. A demonstração desta verdade é apresentada pela autora através de um Ovo de Colombo, que é o jogo de regras. O objetivo da livre expressão da imaginação criativa é aqui substituído pelo parâmetro da linguagem artística do teatro – fornecido pela regra do jogo teatral. Abre-se assim a possibilidade de um verdadeiro trabalho de educação".[50]

---

[48] Júlio Gouveia. *Antologia de peças teatrais:Mas esta é uma outra história*... São Paulo, Moderna, 2005, pg.73

[49] Peter Slade, *O Jogo Dramático Infantil*. São Paulo, Summus, 1978, pg.101.

[50] Viola Spolin. *Improvisação para o Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2007, introdução.

A libertadora regra de jogo é descoberta por muitos alunos de escola e por muitos artistas também Há depoimentos emocionantes testemunhando a liberdade gerada pela definição do campo de atuação e das regras de jogo no livro *Jogos Teatrais* de Ingrid Dormien Koudela de 1984. No prefácio que uma entusiasmada Tatiana Belinky escreve para este livro ela diz:

> "Na sua dissertação, a autora defendeu a linha "essencialista" da Arte-Educação, demonstrando que o valor educacional da arte reside na sua natureza intrínseca, sem precisar de outras justificativas. E, fundamentada em Piaget, procurou comprovar a origem do teatro no jogo infantil, chamando a atenção para "a potencialidade do teatro no desenvolvimento intelectual, social e afetivo da criança" e para o fato de que "a Arte é um meio para a liberdade, o processo de liberação da mente humana, que é o objetivo real e último de toda educação" – e apresentando uma nova sistemática para o ensino daquela disciplina.(...) É interessante notar que, na época da dissertação, o nome de Viola Spolin nem sequer era conhecido no Brasil, sendo que a tese de IDK se constituiu no primeiro trabalho original brasileiro do gênero: a primeira tese em Teatro-Educação no País, *break-through* que veio conferir *status* acadêmico a um campo entre nós bastante marginalizado, até no próprio sistema de ensino". [51]

No mesmo prefácio Tatiana fala sobre Viola Spolin e sua influência sobre a vanguarda americana e de outros países na década de sessenta. Diz que também aqui o impacto sobre o Teatro para Crianças foi forte e que alguns dos melhores grupos de teatro profissional adotaram e aplicaram o método, que gerou a criação de novos textos e criou uma nova tendência. E ela comenta que foi a partir do livro de Viola Spolin que Ingrid desenvolveu um amplo trabalho na Associação Paulista de Teatro para a Infância e a Juventude (APTIJ). Foram oficinas de dramaturgia, cursos para atores, monitores e professores, palestras, mesas redondas, etc fundamentadas nos jogos teatrais.

Ainda no prefácio do livro de Ingrid, Tatiana diz:

"No entanto, é importante enfatizar que o sistema de Jogos Teatrais até extrapola a sua utilização na escola – onde aliás a sua relevância não pode ser suficientemente encarecida – já que constituem uma proposta de renovação da própria linguagem teatral, quando se fundamenta na incorporação do jogo na representação dramática, trazendo o espontâneo para a ação de representar".[52]

---

[51] Ingrid Dormien Koudela. *Jogos Teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 1984, pg10.
[52] Idem,pg.11.

São muitos os grupos que hoje pesquisam nesta linha no Brasil inteiro, seja como teatro para crianças e jovens ou aquele feito por elas. Abre-se ainda mais uma possibilidade para professores de outras matérias e leigos poderem usar os jogos com o livro de Viola Spolin recém traduzido: *Jogos Teatrais na Sala de Aula: o Livro do Professor.*

Também na pedagogia do teatro Tatiana Belinky é uma das pioneiras, desde o trabalho com o TESP até as publicações no Teatro da Juventude.

CAPÍTULO X. LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS

Um cesto de vime cheio de livros que nos dão prazer ao passar por eles, já que sempre tem um título brincando com quem passa!

Diversidade, Que tal?, As coisas boas do ano, Quem parte e reparte, O que eu quero, O caso do bolinho, O caso dos ovos, A lição do passarinho, Bom remédio, Quatro amigos, Coral dos bichos, A cesta de dona Maricota, Assim, sim; Tatu na casca, Que horta,Um Caldeirão de Poemas 1 e 2,O grande rabanete, Saladinha de queixas, Que cardápio!, A aposta, O grande cão-curso, O caso do vaso, Ogro, O caçador valente, Ratinho manhoso, O valentão de orelhas compridas, Sou do contra! O galinho apressado, Chorar é preciso?, Stanislau, O toque de ouro, Beijo não, Abc e Abc e Numerais.

Esses são alguns dos títulos de livros para crianças que dão prazer a muitas crianças em muitas bibliotecas, repletos de maravilhosas ilustrações e ótimos textos:

> "Vou muito a escolas, as editoras me levam, me trazem, pagam cafezinho, me paparicam. As escolas me mandam buscar para feiras de livros, palestras, conversas com crianças, pais e professores. As crianças têm a impressão de que escritor é um bicho de sete cabeças e quando descobrem que é uma vovòzinha gorda, com quem podem conversar, vêm dar beijinho, fazem desenhos. É uma delícia."[53]

E quando se vê o crescimento do espaço dos livros que Monteiro Lobato defendia: "Um país se faz com homens e livros!" até hoje, basta visitar o espaço da nova Livraria Cultura no Conjunto Nacional, atulhada de livros e gente lendo. No site da comemoração de sessenta anos da livraria encontramos José Mindlin e Tatiana Belinky falando de Pedro Hertz, que fez um belo trabalho conquistando o imenso espaço do antigo Cine Astor para os livros, e eles lembram de dona Eva e do senhor Kurt, pais de Pedro Hertz, pioneiros de livraria em São Paulo!

"Devemos expor as crianças aos livros e ao teatro. Não há nenhuma imagem eletrônica que substitua as pessoas no palco", diz Tatiana. [54]

A coleção ***Clássicos Infantis*** de Jacob e Wilhelm Grimm, da Paulus, é composta de muitos livros pequenos: *Branca de Neve, Joãozinho e Mariazinha,*

---

[53] Rosana Naggar, *Resenha Judaica*, 1/8/1997

[54] Entrevista a Marcos Bragato, *Jornal da Tarde*, 24/01/99.

Chapeuzinho Vermelho, O Gênio na Garrafa, Rapunzel, O Gato de Botas, As Andanças do Pequeno Polegar, A Bela Adormecida no Bosque, O Rei Sapo, O Ganso de Ouro, O Lobo e os Sete Cabritinhos.

Há também a nova edição de 2005 caprichada, de capa dura e lindas ilustrações de Janusz Grabianski dos *Contos de Grimm*.

Raineke – Raposo de Goethe e *A Saga de Siegfried: O Tesouro dos Nibelungos* são recontados por Tatiana Belinky em belas edições da Companhia das Letrinhas para jovens.

A coleção ***Contos Populares*** da FTD, de 2001, traz contos e lendas do mundo recontadas por Tatiana Belinky: *O Cocheiro Erudito (conto judaico), As Três Respostas (conto inglês), O Diabo e o Granjeiro (conto alemão), O Gato Professor (conto chinês), O Simplório e o Malandro (conto de As Mil e Uma Noites) e Vrishadarbha e a Pomba (lenda indiana), O Rei que só queria comer peixe (conto tibetano), História de Dois Irmãos (conto russo) e O Samurai e a Cerejeira (conto japonês).*

A coleção ***Di – versos***, é formada por coletâneas de versos que divertem, são traduções de poetas alemães, russos e hebraicos.

Di-versos alemães trazem poemas de Goethe, Wilhelm Busch, Heinrich Hoffmann, Gustav Falke, Wilhelm Hey, Heinrich Heine e Heinrich Seidel.

Di-versos russos tem poemas de Samuil Marchak, Ivan Krilov, Sacha Tchorny, Serguei Mikhalcov e Vladimir Maiakovski.

Di-versos hebraicos apresentam poemas de Miriam Yallan-Shteklis, Anda Amir, Saul Tchernitchevsky, Lea Goldberg, Hayim Nachman Bialik, Abraham Halfi, Itzhac Leibush Peretz, Dan Peguis, Yehuda Atlas e Aharon Ze'ev.

Um Caldeirão de Poemas é um dos livros mais deliciosos de Tatiana Belinky, com poemas do mundo todo. Um tira – gosto: ***Maluca é a rua!****(quadrinhas populares russas)* ***A rua passava/Correndo na mão./ Por trás do cachorro/Latiu o portão./A rua assustada/Correu contramão.Então o porteiro/Mordeu o portão./ - Porteiro maluco! - / Gritou o portão./ - Maluca é a rua! – Relincha o cão.*** Além de poemas próprios, inclui traduções de Goethe, Heine, Carroll, Whitman, Brecht e Stevenson.

Já saiu o volume 2 de *O Caldeirão de Poemas* em 2007, com ótimos poemas e lindas ilustrações. Além de poemas próprios, inclui traduções de Lewis Carroll,

HeinrichHoffman, Ivan Andreievitch Krylov, Edward Lear, Samuil Iakovlévitch Marchak, William Shakespeare, Kornei Tchukovski e Boris Vladimirovich Zahoder.

E agora vamos aos russos: a Série Reencontro, da Scipione, traz a adaptação em português de *O Urso,* de Nicolau Liescov, de *O Relógio* de Ivan Turguêniev e de *O Crocodilo* de Dostoievski, mais indicados para jovens.

Sete Contos Russos, recontados por Tatiana Belinky, *Ielena, a sábia dos sortilégios e outras histórias do povo russo, A feira anual de Sorotchinski,* de Nicolai Gogol, belamente ilustrado, tradução de Tatiana Belinky e *Causos Russos* de Mikhail M. Zóchtchenko, tradução dela também, são mais para literatura juvenil.

A História da Ursa Parda e *O Pope Avarento,* traduções e adaptações de Aleksandr Puchkin, *Micha,* de M. Gorki, *Bicho é boa gente,* fábulas de Ivan Krylov, traduzidas do russo e recontadas por Tatiana Belinky e *Vovô Majai e as lebres*, inspirado no poema de Nicolai A. Niekrássov, tradução e adaptação dela também, são mais indicados para crianças.

Tatiana Belinky apresenta o autor Makarenko:

> "Antón Semiónovitch Makarenko é hoje um dos grandes pedagogos-renovadores de nosso tempo pós-Rousseau, digno de figurar ao lado de Pestalozzi, Montessori, Froebel, Freinet, Dewey, Neill e Janusz Korczak, este último não só inovador, como mártir e herói da educação, mais próximo de Makarenko, porque também trabalhou com crianças e adolescentes órfãos, abandonados, carentes e mesmo pré-delinqüentes – os mais necessitados e, em geral, menos atendidos pelos poderes públicos e privados." [55]

O Jogo Dramático Infantil de Peter Slade é traduzido por ela em 1978, trazendo subsídios para a pesquisa em Teatro e Educação.

Encontramos livros com peças de teatro: *Quem tem casa, casa?* é uma peça de autoria de Tatiana. No mesmo livro há uma adaptação de "uma pilhéria em um ato" de Tchekhov: *Um Pedido de Casamento.* A orelha do livro é muito bem escrita por Clóvis Garcia, onde ele diz: "Assim tivéssemos mais Tatianas para o Brasil deixar seu sub-desenvolvimento pois sem cultura não há crescimento, inclusive econômico, de qualquer nação." [56]

O Mágico de Oz é uma adaptação livre especialmente feita para teatro da história de L. Frank Baum. *Mas esta é uma outra história...*é uma antologia de peças

[55]Anton Makarenko, *Poema Pedagógico*, São Paulo, Editora 34, 2005, orelha do livro.
[56] Tatiana Belinky, *Quem tem casa, casa?* São Paulo, Letras &Letras, 1998. Orelha do livro.

teatrais que contém episódios da obra de Monteiro Lobato *Reinações de Narizinho: A Pílula Falante e O Casamento da Emília,* adaptadas por Júlio Gouveia. A organização e adaptação do livro são de Tatiana Belinky. Neste livro está publicado o ensaio-tese que Júlio Gouveia defendeu no Primeiro Congresso Brasileiro de Teatro no Rio de Janeiro em 1954: *O Teatro para Crianças e Adolescentes: bases psicológicas, pedagógicas, técnicas e estéticas para sua realização.*

Teatro para a Juventude contém adaptações para teatro dos contos*: Édipo Rei (para os íntimos), Os Dois Turrões, (*baseada num conto popular)*, As orelhas do Rei, (*inspirada em N. Hawthorne) e *Muitas Luas, (*inspirada num conto de James Thurber).

Temos ainda as peças em xerox *Um Cheirinho de Pão* e *A Sopa de Pedra* e as adaptações que estão no Teatro da Juventude.

E agora vamos dar uma olhada nos limeriques: ***Os limeriques são historinhas / contadas em só cinco linhas / ritmadas, ligeiras, / com rimas brejeiras: / histórias bem maluquinhas.***

Vamos encontrar os livros de limeriques: *Limeriques, Limeriques das coisas boas, Desastreliques, Mandaliques, O livro dos disparates com os limeriques da Tatiana,* que fala um pouco dos limeriques:

“”No alto da árvore, um bode / Torcia o frondoso bigode - / Mas os passarinhos / Fizeram seus ninhos / Nos pêlos daquele bigode.”

“Esse poeminha é a minha tradução – feita faz muito tempo – de um “limerick” do famoso poeta inglês Edward Lear. E foi esse poema que me deu vontade de escrever meus próprios poeminhas bem-humorados naquele formato, que eu aportuguesei para “limeriques”.

O limerique tem um “balanço”, uma espécie de cadência, que se presta demais para fazer brincadeiras – e gente, eu gosto de brincar. Brincar com palavras, com rimas, idéias, personagens, assuntos – coisas bem variadas, divertidas, piradinhas: os disparates do título deste livro.”

Há ainda os Bregaliques, Brincaliques quase travalínguas e *Limeriques da coroa implicante.O livro das Tatianices: poemas de Tatiana Belinky com ilustrações de Laerte* contém muitas brincadeiras bem humoradas com poesia.

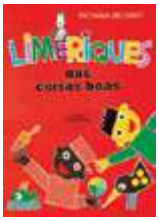
Tatiana comenta sobre a atual produção da literatura infanto-juvenil:

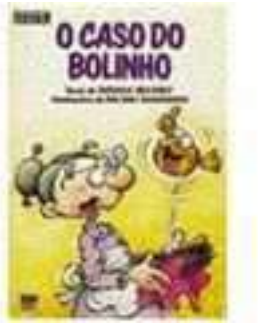
> “Já foi muito fraca. Nos anos 70, descobriram que criança é leitor e é mercado, principalmente. As escolas adotaram a obrigatoriedade de

> literatura e isso deu um grande empurrão. Se você vê crianças numa feira de livros, numa bienal, ficam alucinadas, elas querem tudo. Agora, tratá-la, com cobranças, fichas, toda sorte de coisas chatas, tira o apetite. O livro tem que ser um prazer, um privilégio. Os pais se queixam "eu mando meu filho ler, ele não quer ler". Primeiro, não mande; segundo me informe: você lê? "Ah, mas o livro é caro". Você compra um tênis de 200 reais, o sanduíche custa dez, o livro custa cinco, o livro não é caro: é mais alimento por mais tempo".
>
> E qual veículo de comunicação você prefere?
>
> "Eu não tenho essa palavrinha "ou". Não existe no meu dicionário. Existe "e". Um dia eu quero música clássica, no outro dia, popular: um dia quero ler um romance policial, no dia seguinte, uma obra filosófica. E há uma hora para tudo, já dizia o Rei Salomão. A gente não é igual a si mesmo duas horas seguidas, que dizer dois dias ou duas semanas. E há tanta coisa boa para a gente curtir, por que escolher, é isso ou aquilo?" [57]

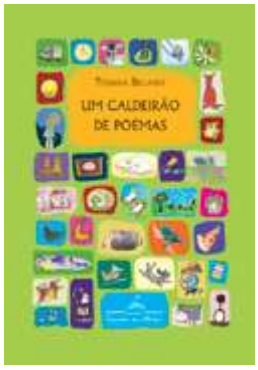
Esta abertura e liberdade é o que caracteriza o universo muito amplo de Tatiana Belinky e que torna tão interessante acompanhar sua criação literária. É interessante observar essa ênfase na transformação, no fato de que quando se lê um livro um novo horizonte se abre diante de nós. E um livro lido mais de uma vez é diferente a cada vez que é lido, pois as pessoas tem novas experiências e absorvem o conteúdo de maneiras diversas. E cada leitor que lê um livro transforma o livro em outra experiência, a partir de sua vivência e forma de ver o mundo. E na troca de idéias com outros leitores vemos o ponto de vista de outra pessoa, criando mais um espaço de pensamento! São universos infinitos...

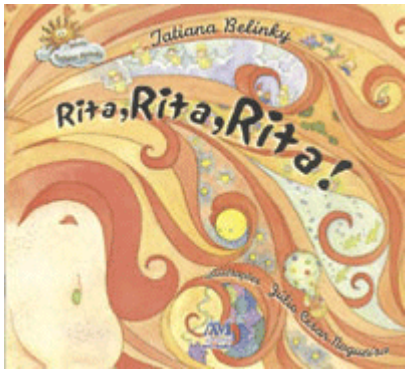
[57] Rosana Naggar, *Resenha Judaica*, 1/8/1997

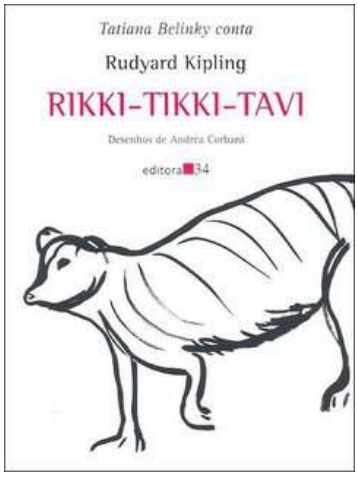




Tatu na Casca







CONCLUSÃO

Um dia as professoras que assistiam ao *Sítio do Picapau Amarelo* foram convidadas informalmente a encaminhar desenhos das crianças pequenas e redações das maiores mostrando o que era mais importante para elas no programa. Vieram muitas cartas e o que as crianças preferiram foram desenhos e redações que mostravam o gesto de Júlio Gouveia tirando um livro da estante e começando a contar uma estória. Então os criadores do programa perceberam que haviam atingido seu objetivo: levar as crianças à leitura!

O que norteava Tatiana Belinky era fazer um teatro e um teleteatro educacional. O que era importante era a formação e não tanto a informação. Não havia didatismo, sermões, aulas ou tentativas de enquadrar as crianças em alguma fôrma pré-moldada. Não se ensinava que isto é bom, aquilo é mau, tem que ser assim ou assado. Era um programa artístico, com muita brincadeira, engraçado ou dramático, mas sempre com um conteúdo ético, onde a criança tirava suas próprias conclusões. Como Monteiro Lobato, Tatiana procurava dar uma abertura e uma capacidade crítica de ver, ouvir e analisar, não aceitar as idéias sem pensar sobre elas, não engolir nada sem mastigar. Por exemplo, quando Dona Benta contava a fábula da cobra que comeu o sapo, a moral da estória clássica era fazer o bem sem olhar a quem, mas Emília protestava dizendo que ela olhava muito bem a quem, sim, porque ela não era trouxa. Havia a representação da estória, com muito senso de humor, que dava abertura ao pensamento crítico. Como Tatiana sempre diz: “A criança gosta e precisa treinar as emoções. Precisa rir um pouco, precisa chorar um pouco, precisa sentir um pouco de medo. Tudo dosado. É como qualquer remédio: depende da dose para fazer bem ou mal. Era essa a idéia... Júlio era médico e educador.”

E assim seguimos o caminho de Tatiana Belinky desde sua infância, suas brincadeiras e descobertas, sua infância em terras distantes, a vinda de navio, a chegada à terra estrangeira, a adaptação ao novo mundo. O encontro com Júlio Gouveia, os filhos, a descoberta do teatro infantil e da televisão. Os jogos dramáticos que fazia com irmãos, primos e vizinhos no balneário de Riga parecem estar presentes nos gestos e movimentos da turma do *Sítio do Picapau Amarelo* que vemos nas fotografias. Há uma espontaneidade de jogo nos momentos em que se

abraçam em roda para combinar alguma coisa, na seqüencia de movimentos que Emília faz sentada no chão com a peneira para pegar o saci, ou na imagem do Visconde amarrado a uma árvore, enquanto o resto da turma se espalha em volta. É uma linguagem universal de todas as crianças de todas as épocas porque é inerente ao ser humano.

A cultura que ela traz de origem lhe dá os instrumentos de que precisa para a realização de tantas adaptações, traduções, criações e produções. Quando eles começam a fazer teatro infantil em São Paulo quase tudo vem junto: o Teatro-Escola de São Paulo e o tempo lúdico de aprendizagem, a passagem do amador no bom sentido para a crescente profissionalização, a criação do grupo do Sesc e o advento da televisão. Por algum tempo eles coexistiram, o teatro infantil, o teatro adulto do Sesc e a TV. O importante é o clima agradável, de tempo tranqüilo que existia nos anos cinqüenta, apesar de toda a adrenalina.

Além dos brasileiros de longa data, uma grande geração de filhos de imigrantes que vieram para cá entre as duas guerras mundiais "descobriu" um Brasil via literatura de Monteiro Lobato, porque Lobato é um exemplo de aculturação, isto é, de dados culturais de diferentes culturas, assim como Tatiana Belinky. Isso é interessante, pois forma uma cultura que é comum a todos em meio a tão grande diversidade cultural.

Acompanhar de perto a gestação da literatura brasileira para crianças de Monteiro Lobato em *Reinações de Narizinho* é um prazer renovado. Descobrir as raízes teóricas do diálogo com Anísio Teixeira, da influência de Dewey e da Escola Nova faz compreender a relação não autoritária, de liberdade e descoberta que criam um clima favorável ao conhecimento. O entusiasmo que eles sentem pela descoberta é contagiante. E passa a ser essencial para compreender os valores transmitidos pelos programas do TESP.

A utopia de Lobato sobre uma sociedade que ele imagina em *O Poço do Visconde* é uma lição para as crianças de pensar o bem comum, de solidariedade, de solução de problemas. É bonito como ele faz de conta que tudo tivesse dado certo para que a utopia não se acabe, que se desenvolva e se transforme, mas não deixe de existir. "Loucura? Sonho? Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira – mas já tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum."

Tatiana Belinky, Júlio Gouveia e o TESP são os continuadores naturais na divulgação dessa literatura. Quando começam a fazer teatro para crianças levando os grupos escolares a assistir boas peças, eles mesmos vão pegando a prática necessária para a rapidez da TV.

Foi só depois de muito estudo e pesquisa que ficou claro o significado do *Sítio do Picapau Amarelo* que líamos e assistíamos quando crianças: um sonho de liberdade. Foi bem uma nuvem de luz que captamos no ar e sintonizamos em nossos televisores**. "**A "nossa educação" cairá como chuva de neve sobre o país, sem saber e sem querer saber onde os flocos irão pousar", escreveu Monteiro Lobato. (Nunes, 1986, pg. 100). Pois esses flocos pousaram na cabeça de nossa geração e lhe fizeram um imenso bem. É muito bonito descobrir como a história de um sonho vai se realizando.

Lembrando Alberto Guzik : " Com uma excelente dramaturgia e ótimos atores, Júlio Gouveia e Tatiana Belinky faziam na televisão um teatro que respeitava a criança, não a tratava como um mero consumidor dos produtos anunciados nos comerciais. Havia no trabalho do casal outro conceito, o da educação por meio da arte. E o que faziam era arte, da melhor qualidade"***.** (grifo nosso) A educação pela arte no teleteatro via televisão era uma bela forma ética de educação de massas.

Parecia uma tarefa imensa escrever os roteiros de tantos programas ao vivo e sem videotape, mas como diz Tatiana: *Mais vale a prática do que a gramática**!*** O bem estar é produzido pelo conjunto das pessoas que foram se formando com o teatro, prosseguindo com a televisão, fazendo um trabalho artesanal e cuidadoso, transmitindo uma mensagem séria e divertida bem no espírito de Monteiro Lobato.

A postura pioneira continua com o jornalismo, que tem muito material a ser pesquisado e continua também com a revista Teatro da Juventude, que contém um universo de informações importantes para quem lida com cultura e infância.

Vimos que Tatiana acompanha a pesquisa universitária de pedagogia do teatro e escreve com muito entusiasmo sobre Viola Spolin no prefácio do livro *Jogos Teatrais* de Ingrid Dormien Koudela.

E a literatura de Tatiana é um prazer a ser redescoberto constantemente, pois cada livro é um novo livro quando a gente relê e redescobre o seu sentido. Uma prateleira cheinha de livros dela garante horas de lazer e prazer, com ótimo texto e belas ilustrações.

Graças a estes pioneiros existe hoje uma vasta cultura que tem relação com a infância e os jovens, seja no teatro, na literatura, na televisão, no cinema, em jornais e revistas, na educação, com os contadores de histórias, em pesquisa de tradição oral, em jogos tradicionais, em jogos teatrais, em pesquisa universitária, em programação de centros culturais, na internet, e nas várias formas de arte.

E foi inaugurado em 25 de abril de 2007 o Núcleo de Televisão Infantil Tatiana Belinky da TV Cultura, o maior centro de produção de televisão de qualidade para crianças e jovens da América Latina!

E ainda há muita coisa a ser pesquisada e descoberta, então... bem, mas esta é uma outra história, que fica para uma outra vez ...

Núcleo de Televisão Infantil Tatiana Belinky da TV Cultura

ÍNDICE ICONOGRÁFICO

Página X. Ilustração de Voltolino para Reinações de Narizinho
http://acervos.ims.uol.com.br/local/Image/biblioteca/Lobato_34.jpg (08/01/2008)
Página XII. Emília, Narizinho e Pedrinho lendo os Contos de Carrochinha na TV . Acervo de Tatiana Belinky
Página XV. Lúcia Lambertini como Emília. Acervo de Tatiana Belinky
Página 19. Tatiana Belinky criança. Acervo de Tatiana Belinky
Página 23. Tatiana Belinky jovem. Acervo de Tatiana Belinky
Página 25. Tatiana Belinky. Acervo de Tatiana Belinky
Página 26. Capa do livro *Peter e Wendy* (1915)
http://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Pan (08/01/2008)
Página 27. A carroça de Tespis.
http://www.unilaboralcaceres.net/departamentos/latinygriego/RECURSOS/griego/teatro/mandragora1/tespis.gif (08/01/2008)
Página 30. Ilustração de Peter Pan tocando flauta da novela *Peter e Wendy* de 1911
http://en.wikipedia.org/wiki/Peter_Pan (08/01/2008)
Página 31. Ilustração de Gustave Doré para a fábula *A cigarra e a formiga*, de La Fontaine.
www.tvebrasil.com.br/.../nl/tetxt3.htm (08/01/2008)
Página 36. –"Lobato em *portrait* chapliniano, estampado pela revista carioca *Brazilian America*, à época de sua partida para os Estados Unidos." Em Carmen Lúcia de Azevedo, Márcia Camargos, Vladimir Sacchetta. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia.*São Paulo, Senac, 1997, pg.225
Página 37. Anísio Teixeira e as crianças.
http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/indexa.htm (08/01/2008)
Páginas 42 a 46. Fotos do acervo de Tatiana Belinky sobre *A Gramática da Emília* na TV.
Página 49. Ilustração de Belmonte. Em Carmen Lúcia de Azevedo, Márcia Camargos, Vladimir Sacchetta. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia.*São Paulo, Senac, 1997,pg.359.
Página 52. Duas dessas adaptações, "A Pílula Falante" e "O Casamento de Emília", foram gravadas pela Casa Odeon, num disco long-playing.

http://cantoencanto.blogspot.com/2006/11/1952-sitio-do-picapau-amarelo-tupi.html (08/01/2008)

Página 53**.** Camera man transmitindo o *Sítio do Picapau Amarelo* ao vivo. Acervo de Tatiana Belinky

Página 57. Emília com expressão de “susto”. Acervo de Tatiana Belinky

Página 58. Tia Nastácia e o sorriso. Acervo de Tatiana Belinky

Página 59. Narizinho. Acervo de Tatiana Belinky

Página 60. Júlio Gouveia e a turma toda. Acervo de Tatiana Belinky

Página 61. Varanda e personagens. Acervo de Tatiana Belinky

Página 62. Tia Nastácia e a turma na cozinha. Acervo de Tatiana Belinky

Página 63. Dona Benta na varanda. Acervo de Tatiana Belinky

Página 65. Júlio Gouveia em frente ao cenário. Acervo de Tatiana Belinky

Página 66. Júlio Gouveia ensaiando com Emília. Acervo de Tatiana Belinky

Página 67. Casamento de Emília com Rabicó I. Acervo de Tatiana Belinky

Página 68. Casamento de Emília com Rabicó II. Acervo de Tatiana Belinky

Página 69. Cena de Pinóquio. Acervo de Tatiana Belinky

Página 70. Cena do Circo dos Escavalinhos I. Acervo de Tatiana Belinky

Página 71. Cena do Circo dos Escavalinhos II. Acervo de Tatiana Belinky

Página 74. Combinando a próxima aventura. Acervo de Tatiana Belinky

Página 75. Cenas com Tia Nastácia, Pedrinho, Narizinho, Anjinho e Emília. Acervo de Tatiana Belinky

Página 76. O pulo que a Emília dá com a peneira para pegar o saci. Acervo de Tatiana Belinky

Página 77. E a bronca de Tia Nastácia. Dois Sacis. Acervo de Tatiana Belinky

Página 78. Conversando com Tio Barnabé. Acervo de Tatiana Belinky

Páginas 79 e 80. Seqüencia de aventura com o Visconde. Acervo de Tatiana Belinky

Página 81. Muitas bandeiras. Acervo de Tatiana Belinky

Página 82. Cena com muitas crianças. Acervo de Tatiana Belinky

Página 83. Criança e TV nos anos 50.
http://www.tudosobretv.com.br/historty/historbr.htm# (08/01/2008)

Página 100. Vários livros e ilustração de Tatu na Casca, de Cris Eich & Jean Claude.

Página 104. Núcleo de Televisão Infantil Tatiana Belinky da TV Cultura.
http://www.producaoprofissional.com.br/article.php?a=474 (08/01/2008)

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA TATIANA BELINKY

Belinky, Tatiana.

_____ *Limeriques.* São Paulo, FTD, 1987.

_____ *Que horta*. São Paulo, Paulinas, 1987.

_____ *Bidínsula e outros Retalhos*. São Paulo, Atual, 1990

_____ *As coisas boas do ano.* São Paulo, Paulinas, 1990.

_____ *O caso do bolinho.* São Paulo, Moderna, 1990.

_____ *Quatro amigos.* São Paulo, Paulinas, 1990.

_____ *Saladinha de queixas.* São Paulo, Moderna, 1991.

_____ *Assim, sim!* São Paulo, Paulinas, 1992.

_____ *Bumburlei.* São Paulo. Saraiva, 1992.

_____ *Ratinho Manhoso.* São Paulo, Moderna, 1992.

_____ *A cesta de dona Maricota.* São Paulo, Paulinas, 1992.

_____ *O que eu quero.* São Paulo, Paulinas, 1993.

_____ *O grande cão-curso.* Rio de Janeiro, Salamandra, 1993.

_____ *O galinho apressado*. São Paulo, Paulinas, 1993.

_____ *O caso do vaso*. São Paulo, Paulinas, 1994.

_____ *Limeriques das coisas boas.* Belo Horizonte, Formato Editorial, 1994.

_____ *Bom remédio!* Rio de Janeiro, Ediouro, 1995.

_____ *A operação do tio Onofre.* São Paulo, Ática, 1995.

_____ *Baba Iagá no Pantanal* . São Paulo, Olho d'água,1995.

_____ *Transplante de Menina: da Rua dos Navios à Rua Jaguaribe.* São Paulo, Moderna, 1995.

_____ *Que tal?* São Paulo, AM, 1996.

_____ *A Aposta.* São Paulo, Paulinas, 1996.

_____ *O valentão de orelhas compridas.* São Paulo, AM, 1997.

_____ *Beijo, não!* São Paulo, Quinteto Editorial, 1997.

_____ *Que cardápio!* São Paulo, AM, 1997.

_____ *Dez sacizinhos.* São Paulo, Paulinas, 1997.

_____ *A Saga de Siegfried : O Tesouro dos Nibelungos - recontada por*

Tatiana Belinky. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1997.
_____ *Stanislau.* São Paulo, Ática, 1998.
_____ *Medroso! Medroso!* São Paulo, Ática, 1999.
_____ *Diversidade.* São Paulo, Quinteto Editorial, 1999.
_____ *Quem parte e reparte*. São Paulo, FTD, 1999.
_____ *Coral dos Bichos.* São Paulo, FTD, 2000.
_____ *Desastreliques.* Rio de Janeiro, José Olympio, 2000.
_____ *Mandaliques (com endereço e tudo) - Ilustrações de Guto Lacaz. Com 4 cartões postais para você mandar.* São Paulo, Editora 34, 2001.
_____ *O livro dos disparates com os limeriques da Tatiana.* São Paulo, Saraiva, 2001.
_____ *Sou do contra!* São Paulo, Editora do Brasil, 2001.
_____ *A lição do passarinho.* São Paulo, Ave Maria, 2001.
_____ *Chorar é preciso.* São Paulo, Paulus, 2001.
_____ *O Ogro.* São Paulo, Saraiva, 2001.
_____ *ABC.* São Paulo, Elementar, 2001.
_____ *Ielena, a sábia dos sortilégios e outras histórias do povo russo.* São Paulo, Ática, 2001.
_____ *As Três Respostas. Conto inglês.* São Paulo, FTD, 2001.
_____ *O Diabo e o Granjeiro. Conto alemão.* São Paulo, FTD, 2001.
_____ *O Gato Professor. Conto chinês.* São Paulo, FTD, 2001.
_____ *O Simplório e o Malandro.Conto de As mil e uma noites.* São Paulo, FTD 2001.
_____ *Vrishadarbha e a Pomba. Lenda indiana.* São Paulo, FTD, 2001.
_____ *O Cocheiro Erudito. Conto judaico.* São Paulo, FTD, 2001.
_____ *História de Dois Irmãos*. *Conto russo.* São Paulo, FTD, 2001.
_____ *O Samurai e a Cerejeira. Conto japonês.* São Paulo, FTD, 2001.
_____ *O Rei que só queria comer peixe. Conto tibetano.* São Paulo, FTD, 2001.
_____ *O caso dos ovos.* São Paulo, Ática, 2002.
_____ *O grande rabanete.* São Paulo, Moderna, 2002.
_____ *Acontecências.* Belo Horizonte, Dimensão, 2002.
_____ *Bregaliques.* São Paulo, Paulus, 2002.
_____ *Brincaliques quase travalínguas.* São Paulo, Evoluir, 2003.

_____ *Rita, Rita, Rita!* São Paulo, Editora Ave-Maria, 2003.

_____ *Trazido pela rede.* São Paulo, editora Caramelo, 2004.

_____ *Tudo bem! Ou não?* São Paulo, Noovha America, 2004.

_____ *Olhos de Ver.* São Paulo, Moderna, 2004.

_____ *Mentiras...e Mentiras.* São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2004

_____ *Onde já se viu?* São Paulo, Ática, 2004.

_____ *O toque de ouro.* São Paulo, Ed.34, 2004.

_____ *Tatu na casca.* São Paulo, Moderna,2004.

_____ *O livro das Tatianices: poemas de Tatiana Belinky com ilustrações de Laerte.* São Paulo, Salamandra, 2004.

_____ *Limeriques do Bípede Apaixonado*. São Paulo, Editora 34, 2004.

_____ *Bisaliques.* São Paulo, Paulus, 2005.

_____ *ABC e numerais.* São Paulo, Cortez, 2005.

_____ *Pontos de interrogação.* São Paulo, Noovha América, 2005.

_____ *17 é TOV.* São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2005.

_____ *Sustos e sobressaltos na TV sem VT e outros momentos.* São Paulo, Paulinas, 2006.

_____ *O Malvado.* São Paulo, Mercuryo Jovem, 2006.

_____ *Limeriques dos Tremeliques.* São Paulo, Biruta, 2006.

_____ *Sete vezes sim!* São Paulo, Biruta, 2006.

_____ *Limeriques para pinturas da paz.* São Paulo, Noovha América,2006.

_____ *Limeriques da coroa implicante.* São Paulo, Paulinas, 2006.

_____ *Quem é que manda?* São Paulo, Noovha América, 2007.

_____ *Salada de Limeriques.* São Paulo, Noovha América, 2007.

ANTOLOGIAS

Um Caldeirão de Poemas. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2003. Além de poemas próprios, inclui traduções de Goethe, Heine, Carroll, Whitman, Brecht e Stevenson.

Um Caldeirão de Poemas 2. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2007. Além de poemas próprios, inclui traduções de Lewis Carroll, Heinrich Hoffman, Ivan Andreievitch Krylov, Edward Lear, Samuil Iakovlévitch Marchak, William Shakespeare, Kornei Tchukovski e Boris Vladimirovich Zahoder.

Clássicos russos para jovens. Rio de Janeiro, Thex Editora, 2000. Inclui traduções de Gorki, Tchékhov, Tolstói e Turguêniev.

Salada Russa – Seleção de Tatiana Belinky com Tolstói, Gorki, Tchékhov, Liérmontov, Púchkin e Turguêniev. São Paulo, Paulinas, 1988.

Sete Contos Russos recontados por Tatiana Belinky. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1995. Inclui traduções de Púchkin, Liérmontov, Liéskov e Tolstói.

Di – versos Russos. São Paulo, Scipione, 1994. Tradução e adaptação de poemas e escritores russos: Samuil Marchak, Ivan Krilov, Sacha Tchorny, Serguei Mikhalcov e Vladimir Maiakovski.

Di – versos Hebraicos. São Paulo, Scipione, 1998. Tradução e adaptação de poemas e escritores hebraicos: Miriam Yallan-Shteklis, Anda Amir, Saul Tchernitchevsky, Lea Goldberg, Hayim Nachman Bialik, Abraham Halfi, Itzhac Leibush Peretz, Dan Peguis, Yehuda Atlas e Aharon Ze'ev.

Di – versos Alemães. São Paulo, Scipione, 1993. Tradução e adaptação de poemas e escritores alemães: Goethe, Wilhelm Busch, Heinrich Hoffmann, Gustav Falke, Wilhelm Hey, Heinrich Heine e Heinrich Seidel.

TEATRO

Quem tem casa, casa? De Tatiana Belinky. São Paulo, Letras & Letras, 1992.

*Mas esta é uma outra história...*Antologia de peças teatrais.São Paulo, Moderna, 2005.

Teatro para a Juventude. Adaptações para teatro dos contos Édipo Rei (para os íntimos),Os Dois Turrões (baseada num conto popular), As orelhas do Rei (inspirada em N. Hawthorne) e Muitas Luas (inspirada num conto de James Thurber) por Tatiana Belinky. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2005.

Tamanho não é Documento. Inspirado na fábula de La Fontaine. São Paulo, Paulinas, 2007.

Sopa de Pedra. Peça de Tatiana Belinky. Cópia em Xerox.

Cheirinho de Pão. Peça de Tatiana Belinky. Cópia em Xerox.

Baum, L.Frank - *O Mágico de Oz.* Adaptação livre de Tatiana Belinky. São Paulo, Paulinas, 2004.

Brecht, Bertolt – *Mãe coragem e seus filhos.* Tradução de Tatiana Belinky e Daniel Rocha. 1960.

Razumovskaia, Ludmila. *Querida Helena*. Tradução do russo por Tatiana Belinky. 2005.

TRADUÇÕES E ADAPTAÇÕES

Andersen, Hans Christian – *O Patinho Feio.* São Paulo, Martins Fontes, 1997.

Browning, Robert – *O Flautista de Hamelin*. São Paulo, Martins Fontes,1997.

Burnett, F. Hodgson – *O Pequeno Lorde.* São Paulo, Editora 34, 2002.

Collodi, Carlo – *Pinóquio.* São Paulo, Martins Fontes, 1997.

Dostoiévski, Fiodor – *O Crocodilo e outras Histórias.* São Paulo, Scipione, 2003.

Emerman, Ellen. – *Já é Shabat?* São Paulo, Maayanot, 1994.

Goethe, Johann Wolfgang von – *Raineke – Raposo.* São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1998.

Gogol, Nicolai – *A feira anual de Sorotchinski.*São Paulo, Ática, 1993.

_____ *O Nariz.* São Paulo, Ática, 1996.

_____ *Almas Mortas.* São Paulo, Abril Cultural,1972.

Gorki, Maksim – *Micha.* Aparecida, SP, Editora Santuário, 1992.

Grimm, Jacob & Wilhelm – *A casinha na floresta.* Porto Alegre, Kuarup, 1985.

_____*Os Músicos de Bremen.* Porto Alegre, Kuarup, 1987.

_____ *Os Contos de Grimm.* São Paulo, Paulus, 1989.

_____ *Branca de Neve.* São Paulo, Paulus, 1995.

_____ *Joãozinho e Mariazinha.* São Paulo, Paulus,1995.

_____ *Chapeuzinho Vermelho.* São Paulo, Paulus,1995.

_____ *O Gênio na Garrafa.* São Paulo, Paulus, 1995.

_____ *O Gato de Botas.* São Paulo, Paulus, 1996.

_____ *As Andanças do Pequeno Polegar.* São Paulo, 1996.

_____ *A Bela Adormecida no Bosque.* São Paulo,Paulus, 1996.

_____ *O Rei Sapo.* São Paulo, Paulus, 1996.

_____ *Rapunzel.* São Paulo, Paulus, 1996.

_____ *O Lobo e os Sete Cabritinhos.* São Paulo, Paulus,1997.

_____ *O Ganso de Ouro.* São Paulo, Paulus, 1997.

_____ *Sete de um golpe só.* São Paulo, Martins Fontes, 1997.

_____ *João e Maria.* São Paulo, Martins Fontes, 1997.

Hawthorne, Nathaniel – *O Toque de Ouro.* São Paulo, Editora 34, 2004.

Hoffmann, H. – *O caçador valente.* São Paulo, Paulus, 1995.

Irving, Washington – *Rip Van Winkle.* São Paulo, Ática, 1994.

Jukovsky, V. – *A Torre do Reno*. *Um poema recontado por Tatiana Belinky.* São Paulo, Global, 2006.

Kipling, Rudyard – *A Foca Branca* – São Paulo, Ed.34, 2006.

_____ *Rikki Tikki Tavi* – São Paulo, 34, 2006.

Krylov, Ivan – *Fábulas Russas.* São Paulo, Melhoramentos, 1986.

_____*Bicho é boa gente: fábulas traduzidas do russo e recontadas por Tatiana Belinky.* São Paulo, Paulus, 1996.

Lebovica, Aydel – *Como será o mundo?* São Paulo, Maayanot, 1993.

Leibel, Estrin - *A história de Dani três vezes.* São Paulo, Maayanot, 1994.

Lieskov, Nicolau - *O urso e outras histórias - Adaptação em português de Tatiana Belinky.* São Paulo, Scipione, 1992.

Makarenko, Anton – *Poema Pedagógico* – São Paulo, Ed.34, 2005.

Malcolm, Janet e Tchekov – *Lendo Tchekov.* Rio de Janeiro, Ediouro, 2005.

Niekrássov,Nicolai A. - *Vovô Majai e as lebres - tradução e adaptação deTatiana Belinky inspirado no poema.* São Paulo, SM, 2004.

Perrault, Charles - *O Barba azul*. Porto Alegre, Kuarup, 1987.

_____*As fadas.* São Paulo, Martins Fontes, 1991.

_____ A Gata Borralheira. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

_____ *O Gato de Botas.* São Paulo, Martins Fontes, 1997.

_____ *A Bela Adormecida no Bosque.* São Paulo, Martins Fontes, 1997.

Pollack, Willian - *Meninos de verdade.* São Paulo, Alegro, 1999. Psicologia da criança.

Puchkin, Alexandr – *A História da Ursa Parda.* São Paulo, Scipione, 1996.

_____ *O Pope Avarento.* São Paulo, Paulus, 1988.

Rhead, L.J. – *Robin Hood.* Tradução e apresentação Tatiana Belinky. São Paulo, Paulicéia, 1991.

Rosenfeld, Dina – *Um garotinho chamado Abrão.* São Paulo, Maayanot, 1998.

_____*A bondosa pequena Rebeca.* São Paulo, Maayanot, 1998.

_____*Tudo sobre nós.* São Paulo, Maayanot, 1994.

Singer, Isaac. – *Satã em Gorai.* São Paulo,Perspectiva, 1992.

Slade, Peter – *O Jogo Dramático Infantil.* São Paulo, Summus, 1978.

Stillerman, Marci – *Nove Colheres, uma História de Chanucá. São Paulo,* Editora Maayanot, 1999.

Tchekhov, Anton – *Histórias Imortais.* São Paulo, Cultrix, 1959.

_____ *Contos da Velha Rússia.* Rio de Janeiro, Ediouro, 1966.

_____ *Os mais brilhantes contos de Tchékhov.* Rio de Janeiro, Ediouro, 1966.

_____ *Os Contos de Tchékhov. .* São Paulo, Cultrix, 1985.

_____ *O homem no estojo*. São Paulo, Global Editora, 1986.

_____ *O malfeitor e outros contos da velha Rússia*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1987.

_____Os melhores contos de Tchékhov. São Paulo, Círculo do Livro, 1987.

_____*Cachtanca: artista por acaso.* São Paulo, Atual, 1998.

_____*Cachtanca, a aventura de uma vira-lata.* Belo Horizonte, Comunicação, 1983.

_____ *Um Homem extraordinário e outras histórias.* Tradução e apresentação de Tatiana Belinky. Porto Alegre, L&PM, 2007.

Tolstaya, Tatiana – *No Degrau de Ouro.* São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

Tolstoi, Lev Nikoláievitch – *Aelita.* São Paulo, Editora das Américas, 1961.

_____*A História de Iván Ilitch e outras histórias*. São Paulo, Paulicéia, 1991.

_____*A Aposta.* São Paulo, Paulinas, 1996.

_____*Histórias de Bulka*. São Paulo, Editora 34, 2007.

Turguêniev, Ivan – *O Relógio e Mumu. Adaptação em português de Tatiana Belinky.* São Paulo, Scipione, 1990.

_____*O Cão Fantasma*. São Paulo, Editora 34, 2007.

Zóchtchenko, Mikhail M. – *Causos russos.* São Paulo, Paulinas, 1988.

BIBLIOGRAFIA GERAL

Almeida Prado, Décio – *Apresentação do Teatro Brasileiro Moderno.* São Paulo, Perspectiva, 2001.

Azevedo, Carmen Lúcia de –*Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia.* Carmen Lúcia de Azevedo, Márcia Camargos, Vladimir Sacchetta, São Paulo, Senac, 1997.

Barbosa, Alaor – *Um Cenáculo na Paulicéia.* Brasília, Projecto Editorial, 2002.

Barbosa, Ana Mae – *John Dewey e o ensino da arte no Brasil.* São Paulo, Cortez, 2002.

Barrie, J.M. – *Peter Pan.* Herfordshire, Wordsworth Classics, 1993.

Camargos, Márcia – *Juca e Joyce: memórias da neta de Monteiro Lobato* Depoimento a Márcia Camargos. São Paulo, Moderna, 2007.

Campos, Cláudia de Arruda – *Maria Clara Machado.* São Paulo, Edusp, 1998.

Cavalheiro, Edgard – *Monteiro Lobato, Vida e Obra Vol. I e II.* Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1956

Chiarelli, Tadeu – *Um Jeca nos Vernissages.* São Paulo, Edusp, 1995.

Coelho, Nelly Novaes – *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira.* São Paulo, Edusp, 1995.

Gouveia, Júlio – *Antologia de Peças Teatrais: Mas esta é uma outra História...* Organização e apresentação de Tatiana Belinky. São Paulo, Moderna,2005.

Freire, Madalena – *A Paixão de conhecer o mundo.* São Paulo, Paz e Terra, 1983.

Garcia, Clóvis – *Os Caminhos do Teatro Paulista: O Cruzeiro(1951-1958), A Nação (1963-1964)*. São Paulo, Prêmio, 2006.

Geribello, Wanda Pompeu – *Anísio Teixeira, análise e sistematização de sua obra.* São Paulo, Atlas, 1977.

Koshiyama, Alice Mitika – *Monteiro Lobato, intelectual, empresário, editor.* São Paulo, Edusp, Com-Arte, 2006.

Koudela, Ingrid Dormien – *Jogos Teatrais –(com prefácio de Tatiana Belinky).* São Paulo, Perspectiva, 1984.

Lajolo, Marisa – *Monteiro Lobato, um brasileiro sob medida.* São Paulo, Moderna, 2000.

Leite, Sylvia Helena Telarolli de Almeida – *Chapéus de palha, panamás, plumas,*

cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900-1920). São Paulo, Unesp, 1996.

Lobato, Monteiro – *Obras Completas.* São Paulo, Brasiliense, 1955.

_____ *Emília no País da Gramática.* São Paulo, Brasiliense, 1994.

_____ *O Poço do Visconde*.São Paulo, Brasiliense, 2004.

Magaldi, Sábato e Vargas, Maria Thereza – *Cem anos de teatro em São Paulo (1875-1974)*. São Paulo, Senac, 2000.

Mattos, David José Lessa. *O Espetáculo da Cultura Paulista: teatro e televisão em São Paulo (décadas de 1940 e 1950).* Códex, São Paulo, 2002.

Morais, Fernando – *Chatô, o rei do Brasil.* São Paulo, Companhia das Letras,1994.

Nunes, Cassiano – *Monteiro Lobato Vivo*. *(Coordenação*). Rio de Janeiro, MPM, Record, 1986.

Pupo, Maria Lúcia de Souza Barros. *No Reino da Desigualdade: teatro infantil em São Paulo nos anos 70*. São Paulo, Perspectiva, Fapesp, 1991.

Raulino, Berenice – *Ruggero Jacobbi.* São Paulo, Perspectiva; Fapesp, 2002.

Roveri, Sérgio – *Tatiana Belinky...E quem quiser que conte outra.* São Paulo, Imprensa Oficial, 2007.

Spolin, Viola – *Improvisação para o Teatro.* São Paulo, Perspectiva, 1979.

_____ *Jogos Teatrais na Sala de Aula: o Livro do Professor*. São Paulo, Perspectiva, 2007.

Vasques, Marciano – *Encontro com Tatiana Belinky.* São Paulo, Noovha América, 2004.

PERIÓDICOS

REVISTA TEATRO DA JUVENTUDE
PASTAS COM RECORTES DE JORNAIS E REVISTAS DE TATIANA BELINKY
REVISTA DA LIVRARIA CULTURA

SITES

http://www.tvcultura.com.br/culturanointervalo/linhadotempo.asp?programaid=7 (08/01/2008)
http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2752&categoria=33969 (08/01/2008)
www2.livrariacultura.com.br/.../imp_mat_01.htm (08/01/2008)
http://www.youtube.com/watch?v=qKJqtMkmYkI&feature=related (08/01/2008)
http://www.museudatv.com.br/vidanarede/ (08/01/2008)
http://www.museumazzaropi.com.br/ (08/01/1008)
http://www.cbtij.org.br/ (08/01/2008)
http://www.fnlij.org.br/ (08/01/2008)
http://www.producaoprofissional.com.br/article.php?a=474 (08/01/2008)
http://www.microfone.jor.br/hist_tupi.htm (08/01/2008)
http://www.rubedo.psc.br/artigosb/emilia.htm (08/01/2008)
http://www.infantv.com.br/sitioamarelo.htm (08/01/2008)
http://www.centrocultural.sp.gov.br/tvano50/apre.htm (08/01/2008)
http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/ (08/01/2008)
http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/TatianaBelinky.htm (08/01/2008)
http://www.tudosobretv.com.br/historty/historbr.htm# (08/01/2008)
http://cantoencanto.blogspot.com/2006/11/1952-sitio-do-picapau-amarelo-tupi.html (08/01/2008)
http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/indexa.htm (08/01/2008)
http://acervos.ims.uol.com.br/local/Image/biblioteca/Lobato_34.jpg (08/01/2008)
http://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Pan (08/01/2008)

http://www.unilaboralcaceres.net/departamentos/latinygriego/RECURSOS/griego/teatro/mandragora1/tespis.gif (08/01/2008)

http://en.wikipedia.org/wiki/Peter_Pan (08/01/2008)

www.tvebrasil.com.br/.../nl/tetxt3.htm (08/01/2008)

http://faculty-web.at.northwestern.edu/theater/tya/history.html (08/01/2008)